



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – CEUB
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

BEATRIZ SOARES DE SOUZA

INSERÇÃO DE JORNALISTAS NEGRAS NO TELEJORNALISMO

Brasília
2022

BEATRIZ SOARES DE SOUZA

INSERÇÃO DE JORNALISTAS NEGRAS NO TELEJORNALISMO

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (CEUB) como
pré-requisito para obtenção do Certificado
de Conclusão de Curso de Graduação em
Jornalismo.

Orientador: Prof. Ms. Vivaldo Sousa

Brasília
2022

BEATRIZ SOARES DE SOUZA

**INSERÇÃO DE REPÓRTERES NEGRAS NO TELEJORNALISMO ENTRE
2017-2021**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (CEUB) como
pré-requisito para a obtenção do
Certificado de Conclusão de Curso de
Jornalismo.

Orientador: Prof. Ms. Vivaldo Sousa

Brasília, ____ de _____ de 2022.

Banca Examinadora

Prof. Dr

Prof. Dr

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por tornar tudo possível e me permitir chegar até aqui. Foram dias difíceis e, sem dúvidas, Ele me sustentou e me guiou até aqui.

Ao professor mestre Vivaldo Sousa, por toda a ajuda, paciência e dedicação com cada etapa de orientação para que este trabalho fosse concluído.

À minha irmã do coração, Larissa Lins, e à minha tia Rosângela Pereira, que sonharam comigo, nunca me deixaram desistir, me apoiaram de todas as formas possíveis e não mediram esforços para que eu pudesse concluir esta graduação.

A todos os familiares próximos que me ajudaram de alguma forma a realizar esta importante etapa. À minha mãe, Maria Lins, que me impulsionou a seguir este caminho e lutar pelos meus objetivos. Aos meus irmãos, Estevão Lins e Luiz Lins, que foram companheiros nesta jornada. Por último e não menos importante, às minhas amigas, Letícia e Milena, que trilharam essa jornada comigo.

Dedico este trabalho a todos que acreditaram em mim e que, de alguma forma, contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui.

A excelência negra é uma forma de protesto. (Beyoncé, 2020)

RESUMO

Esta pesquisa mostra a evolução da inserção de jornalistas negras no telejornalismo desde o primeiro telejornal brasileiro. Partindo do ponto que as mulheres negras são maioria na sociedade brasileira, mas não estão representadas nos principais noticiários do país, o trabalho buscou demonstrar a importância da representatividade dessas jornalistas. Para alcançar estes objetivos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre mulheres no telejornalismo, jornalistas negras, racismo; mapeamento da presença de jornalistas negras nas bancadas ou reportagens dos noticiários da tv brasileira, sendo: CNN Brasil, Record e Globo; entrevista com jornalistas negras que alcançaram o cargo de repórter, apresentadora e comentarista dos telejornais observados no mapeamento. Como resultado, foi constatada a sub-representatividade da jornalista negra nos telejornais analisados. Já na pesquisa bibliográfica, notou-se a inserção de jornalistas negras nos jornais televisivos ao longo dos 72 anos de telejornalismo no Brasil. Com as entrevistas, foi verificado a percepção de jornalistas negras sobre a falta de visibilidade nos telejornais, mesmo havendo mais inserções dessas profissionais na televisão.

Palavras-chave: telejornalismo; repórteres negras; mulheres negras no telejornalismo; representatividade.

ABSTRACT

This research shows the evolution of the presence and insertion of black journalists in telejournalism since the first Brazilian telejournal. Starting from the point that black women are the majority in Brazilian society, but are not represented in the main news in the country, the work sought to demonstrate the importance of the representativeness of these journalists. To achieve these objectives, a bibliographical research was carried out on women in telejournalism, black journalists, racism; mapping the presence of black journalists on the stands or reporting on Brazilian TV news, namely: CNN Brasil, Record and Globo; interview with black journalists who reached the position of reporter, presenter and commentator of the television news observed in the mapping. As a result, the underrepresentation of black journalists in the analyzed television news was verified. In the bibliographical research, it was noted the insertion of black journalists in television newspapers over the 72 years of television journalism in Brazil. With the interviews, the perception of black journalists about the lack of visibility on television news was verified, even with more insertions of these professionals on television.

Keywords: telejournalist; black reporters; black women in tv journalism; representativeness.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Glória Maria	24
Figura 2- Marília Gabriela	25
Figura 3- Silvia Poppovic	26
Figura 4- Lilian Witte Fibe	27
Figura 5- Marilena Chiarelli	28
Figura 6- Ana Paula Padrão	29
Figura 7- Leiliane Neubarth	30
Figura 8- Alice Maria	31
Figura 09- Maria Júlia Coutinho	34
Figura 10- Zileide Silva	35
Figura 11- Joyce Ribeiro	36
Figura 12- Luciana Barreto	37
Figura 13- Luciana Camargo	38
Figura 14- Salcy Lima	39
Figura 15- Basília Rodrigues	40
Figura 16- Aline Midlej	41
Figura 17- Cynthia Martins	42
Figura 18- Dulcinéia Novaes	43
Figura 19- Repórter Camila Falabela	43
Figura 20- Jornalistas negros apresentam série sobre racismo	45
Figura 21- Jornalistas brancos debatem sobre racismo na Globo News	46
Figura 22- Jornalistas negros debatem sobre racismo na Globo News	46
Figura 23- Record faz programação com jornalistas negros na bancada	47
Figura 24- Salcy Lima e Mariana Bispo apresentam telejornal	48
Figura 25- Maria Alice se vê representada por Maria Júlia Coutinho	56
Figura 26- Encontro entre Maria Júlia Coutinho e Maria Alice	57

Figura 27- Termo Basília Rodrigues	80
Figura 28- Termo Camila Falabela	81
Figura 29- Termo Salcy Lima	82

LISTA DE TABELAS

Quadro 1- Mapeamento dia 17/11	60
Quadro 2- Mapeamento dia 18/11	61
Quadro 3- Mapeamento dia 19/11	61
Quadro 4- Mapeamento dia 20/11	62
Quadro 5- Mapeamento dia 21/11	62
Quadro 6- Mapeamento dia 22/11	63
Quadro 7- Mapeamento dia 23/11	63

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Justificativa	13
1.2 Problema, Pergunta de Pesquisa e objetivos	14
1.3 Objetivos: geral e secundário	15
2 TELEJORNALISMO NO BRASIL	18
2.1 Mulher no Telejornalismo	22
2.2 Trajetória da mulher negra no telejornalismo	32
3 METODOLOGIA	50
4 PAPEL DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA	54
4.1 Percepção das entrevistadas	57
5 ANÁLISE DA PRESENÇA DA JORNALISTA NEGRA NO TELEJORNALISMO	60
6 CONCLUSÃO	65
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICE A	72
APÊNDICE B	73
APÊNDICE C	75
APÊNDICE D	77
APÊNDICE E	78

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar e analisar a presença de repórteres e apresentadoras negras no telejornalismo, além de destacar a trajetória da jornalista negra no telejornalismo desde o primeiro telejornal de alcance nacional, e, assim, mostrar a disparidade em relação a presença feminina branca até os dias atuais.

Esta monografia foi construída a partir de uma pesquisa bibliográfica, que buscou dados do IBGE para situar a mulher negra como maioria na sociedade e do Perfil Racial da Imprensa para apresentar a posição de jornalistas negras nas redações e telejornais. Para delimitar e expor o cenário da presença negra e feminina nos telejornais, foram usadas informações de outras pesquisas que já abordaram a questão dos negros no telejornalismo em diferentes anos.

Tendo em vista a importância da representatividade e os impactos que a presença da jornalista negra nos telejornais gera na sociedade. Sendo importante fonte de credibilidade, formação de opinião e apresentação de realidades, o telejornalismo tem papel fundamental e a enorme capacidade de representar a identidade cultural e social do país. Apresentar essas mudanças é uma forma de mostrar e destacar essas alterações e a sua importância.

Nenhum processo cultural de superação de racismo, de combate aos estereótipos e de luta contra a discriminação será realizado sem os jornais, a televisão, as artes e a música [...] a mídia tende a ter cada vez mais, na sociedade brasileira, um papel vital na construção de saídas capazes de reduzir a exclusão racial (RAMOS, 2002, p. 9).

Para destacar a presença das tvs nos domicílios brasileiros, no ano de 2001, de acordo com a pesquisa do IBGE que aponta os domicílios particulares permanentes por posse de televisão, a televisão se fazia presente em 89,04% dos lares. Já em 2018, a tv passou a estar presente em 97,14% dos lares. Detalhando mais o consumo de televisão, em 2015, a Pesquisa Brasileira de Mídia, que detalha os hábitos de consumo de mídia pela população brasileira, encomendada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM), apontou que 95 % dos entrevistados afirmam assistir TV, desses, 73 % dizem ter o hábito de

assistir diariamente. Ainda 79% das pessoas afirmaram assistir televisão para se informar. Em 2016, a mesma pesquisa aponta também o perfil dos entrevistados, sendo que, 54% dos entrevistados se autodeclararam pretas ou pardas e 52% são do sexo feminino. A emissora Globo é a mais assistida pelos brasileiros, representando 56%. A emissora Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) tem 11% da preferência; Record, 12%; Em 2019, a televisão se faz presente em 96,3% dos domicílios, de acordo com a PNAD Contínua.

Mesmo com o avanço de outras tecnologias, a televisão ainda é um dos meios mais preferidos para se informar. A Pesquisa TIC Domicílios 2020, feita pelo Centro Regional de Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC), mostra que 81% dos brasileiros estão conectados à rede, a televisão representa 44% das preferências. Em relação à confiabilidade, a televisão é apontada pelo Instituto Ranking Pesquisa, em 2021, como meio mais confiável do País por 55,80% dos brasileiros entrevistados.

A televisão, por ser um veículo de grande alcance, tem papel importante sobre representatividade pela maior parcela da população e alto poder de propagação de um tema, ideia ou discurso. Sendo importante fonte de credibilidade, formação de opinião e apresentação de realidades, a capacidade de representar a identidade cultural e social do país aumenta. Acevedo e Trindade (2011) confirmam a necessidade de visibilidade nos telejornais.

“A ausência de representação de indivíduos afrodescendentes, indígenas e asiáticos em programas jornalísticos implica em perda de autoestima em virtude de não se virem representados na televisão.” (ACEVEDO; TRINDADE, 2011, p. 101).

De acordo com a Pesquisa Mídia Dados Brasil 2021, a emissora Globo é a mais assistida, 34,98% da audiência da TV aberta. O horário com maior audiência é das 20h00 até 22h00. Atualmente o telejornal mais assistido do país é o Jornal Nacional, criado em 1969 pela TV Globo, o Jornal Nacional foi o primeiro telejornal a ser transmitido em cadeia nacional em 1º de setembro de 1969. Após dois anos da estreia, a jornalista carioca Glória Maria, em 1971, começa sua trajetória no telejornalismo com sua primeira aparição ao vivo no Jornal Nacional. Em 1977, a jornalista se tornou a primeira repórter a entrar ao vivo e, em cores, também no Jornal Nacional. (MEMÓRIA GLOBO, 2021)

Ao se passarem 40 anos desde que a primeira mulher negra entrasse no ar, ao vivo, em um telejornal de alcance nacional, a pesquisa *Análise de Ausência de Diversidade Étnica nos Telejornais Brasileiros*, feita por Claudia Acevedo e Luiz Trindade, em 2011, aponta que dos 65 apresentadores de 27 canais abertos, apenas 6,15% dos profissionais eram negros.

Além de Glória Maria, as jornalistas Zileide Silva, Maria Júlia Coutinho, Joyce Ribeiro, Dulcineia Novaes, Luciana Barreto e Maria Júlia Coutinho também conseguiram lugares de destaque no telejornalismo brasileiro.

Zileide Silva começou na Rede Globo em 1997, mas já passou pela TV Cultura, na Rede Bandeirantes e pela emissora Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). No ano de 2000, foi correspondente internacional em New York. Zileide se tornou repórter especial nas coberturas de política e economia em Brasília. Em destaque, foi apresentadora do telejornal *Bom dia Brasil* e eventual apresentadora do *Jornal Hoje* e *Jornal da Globo*.

Joyce Ribeiro iniciou como repórter do *Fala Brasil*, em 2002, na TV Record. Na emissora Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), alcançou participações como apresentadora, repórter e nas previsões do tempo. Além disso, esteve nas apresentações do *Jornal Cultura*, na TV Cultura. Joyce Ribeiro foi a primeira mulher negra a mediar um debate eleitoral na TV Brasileira.

No telejornalismo, Dulcinéia Novaes iniciou em 1981 como repórter da TV Coroados de Londrina, atual RPC, afiliada da TV Globo. Desde 2013 é repórter do *Globo Repórter*.

Luciana Barreto começou em 1999 como repórter e apresentadora no canal GNT. Em 2003, ingressou na TV Bandeirantes, onde foi apresentadora do *BandNews* e fez previsões do tempo no *Jornal da Band*. Luciana Barreto é primeira âncora negra da CNN Brasil, onde está até hoje como apresentadora do *Visão CNN*. Maria Júlia Coutinho começou sua carreira na TV Cultura, em 2005. Ingressou na emissora Globo, em 2007, como repórter. Ao se destacar nas previsões do tempo do *Jornal Nacional* desde o ano de 2013, a jornalista assumiu o cargo de apresentadora titular do *Jornal Hoje*, no ano de 2019. Além disso, em 2019, a

jornalista passou a integrar o quadro do Fantástico como eventual apresentadora, e passou a ser apresentadora oficial em 2021. (MEMÓRIA GLOBO, 2021).

Ao longo dos 72 anos do telejornalismo no Brasil, algumas jornalistas negras conseguiram posição de destaque nos telejornais brasileiros. Ainda em avanços tímidos, são minorias entre as jornalistas brancas que ocupam cargos de repórteres, apresentadores e âncoras nos programas telejornalísticos do país. Em 2020, um estudo feito por (LAURA, 2022) aponta o mapeamento feito com objetivo de analisar a presença de jornalistas negras entre as âncoras fixas dos telejornais de maior audiência da TV aberta e fechada, sendo eles: TV GLoBo, TV Cultura, SBT, TV Record, TV Bandeirantes (Band) e Globo News. Ao todo, foram analisados 50 telejornais, desses, em 36 existiam a presença de jornalistas brancas e apenas 8 negras.

Com avanços tímidos, a diversidade nos telejornais passou a ser percebida nos últimos 5 anos e a ser destacada em sites de notícias da internet. O jornalista Jeff Benício diz que “Negras quebram barreiras ao conquistar poder no jornalismo”, em um texto publicado em 2019, no site Terra. “Record News faz história e escala duas negras em seu principal telejornal”, a matéria publicada em 2022, pelo site TVPop. “A presença de pessoas negras entre jornalistas no Brasil cresceu de 23% em 2012 para 30% em 2021”, de acordo com a pesquisa Perfil do Jornalista (2021). Observa-se que mesmo de forma tardia, o cenário tem passado por mudanças.

1.1 Justificativa

Ao observar o que foi apresentado, esta pesquisa aponta a relevância que a inserção de repórteres negras no telejornalismo traz. Ao apresentar detalhadamente as alterações do meio televisivo para jornalistas negras, e, de acordo com as bases bibliográficas, como isso reflete positivamente na sociedade e o peso da representatividade. A pesquisa é necessária para o entendimento da presença da jornalista negra até os dias atuais e sobre os avanços tímidos que ocorreram ao longo dos anos.

A partir desta pesquisa é possível basear-se para outras pesquisas e trabalhos a fim de entender mais sobre o racismo midiático, sobretudo no caso das mulheres negras no telejornalismo.

Do ponto de vista étnico e racial, há pouca presença de jornalistas negras e indígenas nas redações e nos respectivos postos de comando. Essa rara presença das trabalhadoras negras e indígenas indica uma estrutura ocupacional pouco plural, fortalece a invisibilização dos problemas que afetam as mulheres negras e indígenas e favorece a visão deslocada e estereotipada da realidade desses grupos. (BASTHI, 2011, p. 20)

Além do que já foi apresentado, existe uma questão pessoal: como mulher negra e estudante de jornalismo, sempre me interessei pelo telejornalismo. Nascida e criada na periferia, eu tive as jornalistas Glória Maria e Maju Coutinho, em um cenário mais recente, como inspirações. Ao decorrer da graduação de jornalismo, tive a percepção de mais repórteres e apresentadoras negras que não tinham tanto destaque e me gerou incompreensão. Assim, o estudo e apresentação do tema é importante para que mais mulheres negras possam ter noção da representatividade e falta dela no telejornalismo.

O objetivo do trabalho também é trazer atenção ao tema e, assim, se tenha maior noção sobre a falta de representatividade que ainda afeta o telejornalismo. Mesmo apontando as respectivas mudanças no cenário telejornalístico dos principais telejornais das emissoras já citadas, o trabalho também trará o ponto de vista das jornalistas negras entrevistadas em relação ao que é apresentado no Trabalho e ao que elas vivenciam no telejornalismo.

É relevante o estudo e a apresentação da mudança que sempre foi visada, e que tem papel importante para a construção de uma sociedade onde as mulheres negras ocupem lugares e cargos de destaque.

1.2 Problema, Pergunta de Pesquisa

No Brasil, a soma de pessoas que se autodeclaram negras e pardas é de 56,1%, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2021. As mulheres negras representam 23,4% do total da população brasileira, de acordo com a pesquisa Retrato da Desigualdade Gênero e Raça, feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica

Aplicada (IPEA), em 2003. Dados mais recentes do IBGE apontam que, em 2020, as mulheres negras e pardas somavam 60 milhões e representavam 55,43% da população feminina no Brasil.

Esses dados mostram o aumento da população feminina negra na sociedade brasileira e, mesmo assim, o espaço no jornalismo está longe de ser proporcionalmente ocupado por elas. O Perfil do Jornalista Brasileiro, divulgado em 2021, fez a comparação do ano de 2012, onde as mulheres representavam 64% do perfil do jornalismo, sendo brancas 72% e 23% negras. Em 2021, a mesma pesquisa aponta 57,8% de mulheres no jornalismo, sendo 67,8% que se declararam brancas e 29,9% negras.

No telejornalismo, a proporção também é desvantajosa e a presença de repórteres e apresentadoras negras é esporádica. O jornalista Wagner Machado da Silva destacou, na pesquisa "A gente não se vê por aqui: o jornalista negro no maior grupo de comunicação do Rio Grande do Sul", em (2021), que negros eram apenas 5,7% dos repórteres e apresentadores no telejornalismo gaúcho.

Tendo em vista a maior presença de mulheres negras na sociedade brasileira, por que as mulheres negras são minoria no telejornalismo? Considera-se, então, a necessidade de buscar entender, apresentar a ausência de jornalistas negras no telejornalismo e a importância da representatividade.

1.3 Objetivos: geral e secundário

Esta pesquisa tem por objetivo geral analisar e apresentar a trajetória da presença de jornalistas negras nos telejornais das emissoras: Globo, CNN e Record. Apresenta também as mudanças ocorridas sobre a inserção de jornalistas negras nos últimos cinco anos. Em 6 capítulos, este trabalho irá apresentar a evolução da presença da jornalista negra no telejornalismo, quanto a importância do aumento da representatividade de jornalistas negras em posições de destaque nos telejornais do Brasil.

Ainda como objetivo secundário, essa pesquisa busca apresentar a percepção de algumas jornalistas entrevistadas em relação a minoria das mesmas no telejornalismo, a falta de representatividade e a importância da diversidade.

Para isso, será apresentado o ponto de vista de jornalistas negras que trabalham nos noticiários da emissora Globo, Record e CNN. As entrevistadas irão dar suas percepções sobre a inclusão de jornalistas negras no telejornalismo, racismo e representatividade. Também serão apresentadas as respostas coletadas nas entrevistas feitas para esta pesquisa, com as jornalistas Salcy Lima, apresentadora do Jornal da Record, na Record; Basília Rodrigues, analista e colunista, na CNN; Camila Falabela, repórter do MGTV 1ª edição, na Globo de Minas Gerais. As jornalistas narram suas experiências enquanto mulheres negras e jornalistas de noticiários.

No primeiro capítulo é apresentada a contextualização do tema central do trabalho: a inserção de jornalistas negras no cenário telejornalístico. Para isso, foi explicada a relação entre a minoria de jornalistas negras e sua maioria sociedade brasileira, o que resulta na não-representatividade dessa maioria. Também é relatada a relação das tvs e o telejornalismo como um veículo de comunicação em massa e o papel de ambos para a representatividade e a relação entre invisibilidade e racismo. Partindo desse entendimento, ainda no primeiro capítulo, é exposta a justificativa para a escolha do tema e sua importância para o meio acadêmico e para a sociedade.

No segundo capítulo é apresentado um breve resumo sobre a história do telejornalismo no Brasil e, também, como ele se tornou um grande veículo de comunicação em massa nos seus 72 anos. Além disso, é exposto a criação dos principais telejornais que foram pioneiros e os que se consolidaram até os dias de hoje. Dando início a trajetória da mulher no telejornalismo, é apresentado a inserção da mulher no telejornalismo, onde são destacadas as jornalistas que foram pioneiras e se consolidaram na história do telejornalismo brasileiro. Com destaque para o tema desta pesquisa, é evidenciado a trajetória e inserção da mulher negra no telejornalismo, para isso, foram apresentados resumos sobre a carreira de algumas jornalistas que foram pioneiras e que marcaram o telejornalismo. Nos dois tópicos que exibem a presença da mulher negra, são expostos também os obstáculos enfrentados e como elas se inseriram no telejornalismo.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia de pesquisa. São apresentados os autores que foram escolhidos para basear a pesquisa e os

caminhos percorridos para que este trabalho fosse realizado. Também é detalhado a opção das entrevistas e entrevistas, método escolhido para o mapeamento das jornalistas negras nos telejornais escolhidos. O quarto capítulo traz o objetivo secundário, que é expor o papel e a importância da representatividade negra nos telejornais e a percepção das jornalistas entrevistadas. São colocados os obstáculos enfrentados pelas mulheres negras. Incluindo neste capítulo também a interpretação sobre representatividade e inclusão de profissionais negras das jornalistas entrevistadas para este trabalho.

No quinto capítulo é constatado, por meio do mapeamento, a ausência ou baixa presença de jornalistas negras nos telejornais analisados. O mapeamento é detalhado, e, ao final, é comparado com outros mapeamentos já feitos em outras pesquisas semelhantes. No sexto e último capítulo, é detalhado as conclusões tiradas a partir do que foi apresentado em todo trabalho. Nos Anexos A e B, encontram-se as entrevistas feitas com as jornalistas Salcy Lima, apresentadora do *Jornal da Record*, na Record; Basília Rodrigues, analista e colunista, na CNN; Camila Falabela, repórter do *MGTV 1ª edição*, na Globo de Minas Gerais.

2 TELEJORNALISMO NO BRASIL

Em 1950, o telejornalismo se fez presente no Brasil pela primeira vez. Em meio a grandiosidade do rádio, a televisão e o telejornalismo enfrentaram dificuldades para se popularizar, especialmente pelo valor, uma vez que “só pessoas ricas podiam comprar o aparelho” (ARAUJO, 2017, p.28). Além disso, o rádio era mais rápido nas transmissões e ainda existia a precariedade de avanços tecnológicos. No intuito de tentar agilizar a popularização da TV e fazê-la conhecida, (GILVAN, 2017, p. 28) enfatiza que “Assis Chateaubriand espalhou 200 aparelhos em pontos estratégicos da cidade de São Paulo no dia da inauguração para que a população pudesse ver a novidade”.

O marco na história da comunicação aconteceu no dia 18 de setembro de 1950, primeira transmissão e inauguração da PRF-3/TV Tupi, Canal 3 de São Paulo. No dia seguinte, 19 de setembro de 1950, a TV Tupi apresenta o “Imagens do Dia”, o primeiro telejornal brasileiro a ser transmitido, também na cidade de São Paulo. No início, a linguagem era mais parecida com a do rádio, pela falta de profissionais qualificados para a TV, eram contratados profissionais da rádio. (MELLO, 2009)

Mattos (2008) divide a TV brasileira em fases que vão da posse elitista até a popularização da televisão, quando ela se torna o maior veículo de comunicação no país. Segundo o autor, a fase elitista esteve presente desde a chegada da TV no Brasil até 1964, nesta fase, Araújo (2017) classifica a televisão um referencial da chamada alta cultura.

No gênero telejornalístico, o telejornal “Imagens do Dia” foi substituído pelo “Telenotícias Panair”, que foi ao ar em janeiro de 1952, na TV Tupi de São Paulo. Em 1º de abril de 1952, pela TV Tupi do Rio de Janeiro, o telejornal “Repórter Esso” foi transmitido pela primeira vez e se tornou o mais conhecido da década de 50.

O “Repórter Esso” se transformou num grande sucesso na TV. O ícone do rádio foi transmitido pela primeira vez na TV, em 1º de abril de 1952, apresentando 33 minutos de duração. Com a frase “Aqui fala o seu Repórter Esso – testemunha ocular da história”, o gaúcho Gontijo Teodoro comandava o programa. Ao longo de 18 anos, essa chamada colocava os brasileiros na frente da TV (MELLO, 2009, p. 2).

Com a chegada dos primeiros aparelhos de videotape, em 1960, a televisão passou a ser considerada uma *modernidade*. Durante 18 anos no ar, o telejornal “Repórter Esso” foi o mais conhecido e passou a ser referência às outras emissoras que criavam outros telejornais, entre eles, o “Jornal de Vanguarda” da TV Excelsior, em 1963, que trazia a novidade de ter jornalistas e cronistas vindos do jornal impresso. Sendo um marco para o telejornalismo brasileiro, em 1º de setembro de 1969, o Jornal Nacional, da Rede Globo, é transmitido em rede para o Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre. (ARAÚJO, 2017)

Na história do telejornalismo no Brasil, os programas telejornalísticos também enfrentaram a censura, durante o regime militar brasileiro, de 1964 até 1985, a repressão marcou o cenário jornalístico. Os telejornais precisavam lidar com o controle do governo militar sobre o que se noticiava, e se restringiam a reportagens que não representavam a realidade e reportagens internacionais. “Era uma imagem falsa, como se não existisse crise social ou perseguição. A notícia só era divulgada se fosse liberada pela censura” (SOUZA, 2009, p. 5). A TV Cultura veiculou o jornal “Hora da Notícia” que ficou conhecido por dar espaço às declarações populares que iam contra o regime instaurado no país e por não atender aos interesses políticos. O Telejornal tornou-se líder em audiência no país, o que ocasionou a morte do diretor Vladimir Herzog.

No fim dos anos 70, mesmo sob pressão do regime militar, o telejornalismo passou a contar com mais avanços tecnológicos. Sendo um marco histórico, em 1972, o Jornal Nacional foi pioneiro em usar equipamentos portáteis e fazer a primeira transmissão colorida no Brasil. A Rede Globo passou a se destacar com os avanços tecnológicos, o que gerou o *padrão global* graças às inovações tecnológicas. Mello (2009) destaca que o *Fantástico* era o programa que mais se destacava fazendo com que a emissora continuasse investindo no aprimoramento tecnológico. Em 1978, segundo Araújo (2007), o Electronic News Gathering (ENG) substituiu o filme 16 mm e foi o responsável por fazer possível a transmissão ao vivo.

Após o fim da ditadura militar na década de 1980, a TV se popularizou ainda mais. Conforme (FINGER, 2020), a globo se tornou líder em audiência, o que gerou

uma competição entre outras emissoras que nasciam com a TV Globo, sendo o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), indo ao ar em 19 de agosto de 1981; e a TV Manchete, em 5 de junho de 1983.

O grupo Bloch apostou no jornalismo para quebrar a hegemonia da Globo. A emissora abriu duas horas de telejornalismo no horário nobre para conquistar camadas do público “A” e “D”. O telejornal da Rede Manchete seguia modelos europeus e norte-americanos. (MELLO, 2009, p.)

As emissoras investiram no telejornalismo nacional que, crescentemente, ganhava força e espaço no cenário pós-regime. Com o uso de novas tecnologias, as emissoras, então, passam a caracterizar o formato de produzir notícias e “diminui-se o espaço entre a cobertura dos fatos e sua transmissão, reforçando a ideia central do telejornalismo de que o acontecimento é produzido no momento mesmo em que é noticiado” (BARBOSA; RIBEIRO, 2005, p. 216). Além disso, foram usadas novas adaptações ao formato. “As equipes de jornalismo ganhavam cada vez mais mobilidade, e a programação era agora interrompida pelos flashes do jornalismo, que anunciavam ao vivo as tragédias ou as cotidianas reclamações dos bairros” (FINGER, 2020, p. 8). O autor descreve que existe “um novo formato narrativo baseado na performance dos repórteres”. E ainda sobre as mudanças, os jornalistas passaram a se deslocar até o local dos acontecimentos. “Começava a era dos chamados repórteres de vídeo” (BARBOSA; RIBEIRO, 2005, p. 216).

Na década de 90, consolidada a popularização da TV, “de 1994 até 2004, os brasileiros compraram mais de 40 milhões de aparelhos de televisão, número superior ao de todos os aparelhos de TV comprados desde o início das transmissões no país (1950)” (PORCELLO, 2008. p .50). Com isso, os telejornais seguiram a linha de aumentar a audiência e passaram a se consolidar e ampliar os telejornais, as programações e suas características. Além disso, as equipes que compunham o quadro do telejornal eram progressivamente mais ocupadas por profissionais jornalistas. Segundo Mello (2009,), “os locutores perderam a força no telejornalismo porque os novos formatos exigiam mais do que vozes bonitas”. Sendo outro marco no telejornalismo e colocando fim na tradição de locutores, William Bonner e Lillian Witte Fibe, em 1996, passam a apresentar o Jornal Nacional.

[...] O Jornal Nacional consolidou um formato fixo com a cobertura da política nacional, uma pitada de internacional, esportes e alguma variedade. Apostou na agilidade e na rapidez da notícia curta. Com esse projeto de jornalismo “clean”, o jornal se impôs como um dos programas de maior audiência de nossa televisão. E se tornou referência nacional. (BORELLI; PRIOLLI, 2000, p. 57)

Os avanços seguiram, com a expansão dos canais a cabo, a TV por assinatura tornou-se o novo avanço tecnológico. A TV passa então a resgatar uma característica do rádio: a agilidade e instantaneidade em informar. No telejornalismo, a Globo News se tornou pioneira ao trazer o novo modelo de jornalismo, o de 24 horas, no dia 15 de outubro de 1996. De acordo com Boeckel (2004, p. 37), “a entrada da GloboNews no cenário do jornalismo brasileiro simbolizou a abertura de um nicho de mercado que ainda não havia sido explorado no Brasil”. Além da programação jornalística de 24 horas, o telejornal se destacava também por cobrir pautas internacionais e pela cobertura, em tempo integral, de acontecimentos marcantes.

A cobertura da morte de Lady Di é vista como um marco, quando a GloboNews passou a ser vista como um canal de ponta na busca por informações e fonte segura para quem quisesse saber mais sobre os fatos do momento, assinantes ou até redações concorrentes. (BOECKEL, 2004, p. 44)

Com o crescimento da TV por assinatura, a TV Bandeirantes também investiu no jornalismo 24 em TV paga. O Bandnews TV é canal brasileiro de televisão por assinatura que tem a estrutura, desde o momento em que foi criado, de um telejornal sem fim (CANDIL, 2013) Em março de 2001, o Grupo Bandeirantes veiculou o canal Band News TV, que se destacou por investir em uma formato inovador: “all news”. “O ‘BandNews’ criou uma grade com telejornais a cada quinze minutos para proporcionar noticiários no momento em que o assinante decida ver”, destaca Humberto (2013).

Somente em 2007, 57 anos da estreia da TV Record, a emissora lançou o Record News e também alcançou a marca de pioneirismo sendo o primeiro telejornal de cobertura 24 horas na TV aberta. Mesmo sendo lançada no mercado muito tempo após a rede Globo, Ferreira (2009, p. 16) destaca a fase crescente e o bom posicionamento no mercado “segundo o Ibope Mídia, a ‘Record News’ – canal da

TV aberta – teve proporcionalmente 41% mais telespectadores por minuto que a Globo News em fevereiro de 2009”.

A chegada da emissora americana “Cable News Network (CNN)” ao Brasil, em março de 2020, “certamente alterou o mercado das emissoras de televisão paga e do telejornalismo” (FINGER, 2020, p.13). A emissora, criada em 1980, foi o primeiro canal de notícias 24 horas do mundo e serviu de referência e modelo para os telejornais 24 horas no Brasil. “Com 24 horas de programação para preencher a CNN podia, desde o início, realizar coberturas mais profundas e demoradas” (SQUIRRA, 1995, p. 112).

Durante os 72 anos da TV brasileira, o telejornalismo desempenhou papel importante para a história do Brasil e dos brasileiros. Marcado por avanços tecnológicos e presença em acontecimentos históricos, o telejornalismo se fez mediador entre a sociedade e os acontecimentos. Uma nova realidade passa a ser vivida e o telejornalismo passa a ter o papel de referência de credibilidade. Valle (2013) destaca que “Os telejornais locais começaram a ganhar grande força e buscam sempre esse laço com a audiência”. Outro autor, Goulart (2020), também evidencia que, por meio dos noticiários televisivos com operações didáticas, que o telejornalismo é compreendido como um “lugar de referência”, organizando o mundo por meio de diversas telas, com a preocupação de interpretar socialmente a realidade e para torná-la inteligível.

O telejornal, como um dos principais produtos da televisão, também agrega em sua essência muito do caráter desse veículo. Assim como a TV, o telejornal ocupa na sociedade importantes funções. O noticiário veiculado na TV ajuda cada cidadão a se reconhecer, a se encontrar. (SILVA, 2013, p. 23 apud VIZEU, 2006, p. 23)

2.1 Mulher no Telejornalismo

Em toda a história, em virtude das relações hierárquicas, a mulher precisou lutar para ter seus direitos na sociedade. “Somente nos últimos dois séculos, sobretudo no século XX, as mulheres começaram a conquistar outros espaços até então exclusivos do sexo masculino, como o direito ao voto e o acesso ao mercado de trabalho” (JOHN, 2014, p. 500). No Brasil, por meio dos movimentos feministas, as mulheres foram pouco a pouco conquistando direitos, entre eles, o de trabalhar, votar e estudar. “Durante gerações o ideal consistia em que a mulher ficasse em

casa e cuidasse do lar: trabalhar fora era sinal de uma condição especialmente pobre e desprezível” (DUBY; ARIËS, 1992, p. 40). Sendo assim, segundo (ROCHA, 2001), entre os primeiros programas veiculados no início dos anos 50 estão a “Revista Feminina”, lançada na TV Tupi, em 1958, com apresentação de Lolita Rios. (RIXA, 2000, p. 156) destaca que “a TV Tupi de São Paulo produziu programas dirigidos à mulher, especialmente a dona de casa”. Os programas divergiam do gênero jornalístico e se caracterizavam, em conformidade com Rocha (2001), com um esquema tradicional, com focos sobre artistas e pessoas da sociedade, dicas de culinária, artesanato, moda e beleza.

Embora a TV Tupi tenha começado a transmitir, em 1953, o telejornal “Mappin Movietone¹”, somente em 1959 o telejornal contou com a presença feminina de Cacilda Lanuza e Branca Ribeiro, que acompanharam o poeta Paulo Bonfim. As atrizes foram as primeiras mulheres a apresentar um telejornal no Brasil. (SILVA, 2009)

No início do telejornalismo, em 1950, os homens eram dominantes. Habib (2005) afirma que o jornalismo, ainda nos anos sessenta, era uma profissão majoritariamente masculina. Não há registro de mulheres no “Imagens do Dia”, primeiro telejornal brasileiro. De acordo com Fogolin (2021), a presença de mulheres jornalistas nas redações de telejornais começou a se intensificar nos anos de 1980 e 1990, quando as mulheres começaram a ter acesso ao ensino e à formação qualificada. Segundo Bruschini (1991), essas melhorias davam a aproximação das mulheres ao mercado de trabalho.

Ao longo dos anos, as jornalistas foram conquistando espaço no telejornalismo. Guimarães (2006) apontou um crescimento na participação de mulheres entre os jornalistas de 35,24% em 1986 para 43,59% em 1999. Apresentamos, a seguir, a trajetória de algumas mulheres que foram pioneiras no telejornalismo brasileiro.

¹Mappin Movietone passou a ser apresentado pela TV Paulista em 1959. Antes disso, foi apresentado na TV Tupi, onde o jornalista Roberto Côte Real apresentava o programa e ficou muito conhecido por sua gravata borboleta.

Figura 1 - Glória Maria

Fonte: Globo, 2021

A jornalista carioca iniciou sua carreira na Rede Globo como rádio-escuta em 1970. Um ano depois, em 1971, Glória Maria estreou como a primeira repórter a aparecer ao vivo. Em 1977, a jornalista alcançou outro marco importante e se tornou a primeira repórter a entrar em uma transmissão com cores no Jornal Nacional. (Memória Globo, 2021). Em 1986 integrou a equipe do Fantástico e se tornou apresentadora dele em 1998, onde ficou até o ano de 2007, neste mesmo ano, Glória realizou a primeira transmissão em HD da televisão brasileira. Em 2010, ela retornou à Rede Globo após ficar dois anos afastada por motivos pessoais. Atualmente, Glória compõe a equipe do Globo Repórter desde o ano de 2010. A jornalista se destacou por entrevistar celebridades internacionais, por cobrir acontecimentos históricos e por viajar o mundo fazendo grandes reportagens.

Figura 2 - Marília Gabriela



Fonte: Globo, 2021

Em 1969, a cantora, atriz, escritora e jornalista Marília Gabriela iniciou sua carreira no jornalismo como estagiária do Jornal Nacional. Marília logo se tornou repórter e, no mesmo ano, foi chamada para ser apresentadora do Jornal Hoje. “Em 1973, estreou fazendo reportagens no Fantástico e, em 1974, virou repórter especial do programa” (FARFAN, 2015).

Como apresentadora, Marília estreou em abril de 1980, no programa “TV Mulher”, da Rede Globo. (MEMÓRIA GLOBO, 2021). Ainda na TV Globo, Marília foi correspondente em Londres em 1984. Ao sair da emissora Globo, a jornalista migrou para a TV Bandeirantes e passou a apresentar o programa “Marília Gabi Gabriela”. Em 1989, foi Âncora do Jornal Bandeirantes, onde foi mediadora de debates presidenciais nas primeiras eleições diretas após a ditadura militar (1964-1985). No programa “Cara a Cara”, Marília Gabriela se destacou como apresentadora e pelas entrevistas. Ao migrar para o SBT, em 1997, a jornalista passou a apresentar o telejornal “SBT Repórter” e “De Frente com Gabi”, que também ganhou notoriedade pelas entrevistas.

Figura 3 - Silvia Poppovic



Fonte: Rede Bandeirantes, 2016

A apresentadora começou a carreira de jornalista em 1975 como repórter do Jornal Hoje e, em 1979, se tornou apresentadora no Jornal da Globo. Silvia passou por diferentes programas e emissoras, como a TV Gazeta, Bandeirantes e o SBT. A jornalista destaca que sua trajetória foi importante e influente para que as mulheres conquistassem seu espaço no telejornalismo. “Abri caminho para as futuras gerações. Orgulho-me em pertencer a uma geração de mulheres profissionais que fez essa trajetória e se fez respeitar” (HABIB, 2005, p.207).

Figura 4 - Lilian Witte Fibe

Fonte: Globo, 2021

Antes de ir para a Globo, a jornalista iniciou sua carreira na TV Bandeirantes, em 1982. Um ano depois, em 1983, passou a integrar a equipe do Jornal da Globo como repórter de economia e fez reportagens para um telejornal pela primeira vez. No Jornal Nacional, começou como repórter de Economia e passou a ser comentarista em 1989. No Jornal da Globo, em 1993, a jornalista também foi âncora e editora-chefe. No ano de 1996, acompanhada pelo jornalista Willian Bonner, os dois foram escolhidos para substituir Cid Moreira e Sérgio Chapelin na apresentação do Jornal Nacional. Lilian foi a primeira mulher a apresentar o telejornal e venceu barreiras por conseguir alcançar o cargo, que, até então, só era ocupado por homens. “Quando eu trabalhei na Globo, todos os editores-chefes de jornal, de manhã até de noite, eram 23 homens” (ABREU; ROCHA, 2006, p. 243)

Figura 5 - Marilena Chiarelli



Fonte: Globo, 2021

A jornalista paulistana iniciou na Globo como apresentadora do Jornal Hoje, em 1973. No ano seguinte, em 1974, passou a atuar como repórter e cobriu acontecimentos importantes, entre eles, o enterro do ex-presidente Juscelino Kubitschek, em 1976. A carreira dela não se limitou ao Brasil: em 1984 se tornou correspondente nos Estados Unidos. Ao sair da Globo e ingressar na TV Manchete, Marilena trabalhou com o jornalista Alexandre Garcia ao apresentar “Brasil Constituinte”. Além disso, ocupou o cargo de diretora de jornalismo da TV Record e foi uma das iniciadoras e a primeira diretora da TV Senado, que foi inaugurada em 1996 (AGÊNCIA SENADO, 2016). Sendo outro lançamento importante, Marilena chefiou a equipe que lançou a TV Brasil Internacional, programa destinado à população brasileira que vive fora do Brasil, em 2010.

Figura 6 - Ana Paula Padrão



Fonte: Globo, 2003

Nascida e criada em Brasília, a jornalista começou a carreira em 1986, na TV Brasília. No ano seguinte, 1987, passou a integrar a equipe da rede Globo e ficou até o ano de 2005. Ainda na emissora, foi correspondente em Londres e Nova York e apresentadora do telejornal *Jornal da Globo*, em 2000. Ana Paula foi escalada algumas vezes para apresentar o Jornal Nacional nos anos de 1998 a 2005. Ao sair da Globo, ela foi para o SBT e, em agosto de 2005, estreou o telejornal “SBT Brasil”. Ainda no SBT, foi apresentadora de outro programa inaugurado, desta vez, o “SBT Realidade”, voltado para reportagens especiais. Em 2009, a jornalista foi para a emissora Record, onde foi apresentadora do “Jornal da Record” e ficou até 2013. Atualmente, Ana Paula Padrão é apresentadora do reality show Masterchef, na TV Bandeirantes, desde 2014.

Figura 7- Leiliane Neubarth



Fonte: Globo, 2021

Leiliane iniciou sua carreira de jornalista na TV Globo em 1979, como estagiária, mas em 1984 se tornou apresentadora do Jornal da Globo. Em 1990, a jornalista também passou pela TV Manchete e foi apresentadora do “Jornal da Manchete”, mas acabou voltando para a Globo no ano seguinte, agora no “Fantástico”. Leiliane passou por vários telejornais da emissora, sendo eles: “Bom Dia Brasil”, como apresentadora em 1997; repórter no “Globo Repórter”, em 1986. Atualmente é uma das apresentadoras do telejornal “Conexão Globo News”.

Além do impasse para se ter acesso à educação e ao mercado de trabalho, como já foi mencionado, as mulheres também tiveram que lidar com os padrões que eram dedicados aos homens que eram maioria nas redações dos telejornais. Silvia Poppovic destaca:

Quando comecei no jornalismo, havia certa padronização. As mulheres usavam cabelo curto, não podíamos usar brincos grandes ou roupa colorida. Era como não ter sexo. Você nunca poderia ser mais importante que a notícia. Hoje isso já melhorou muito. A mulher voltou a ser o que ela é, não precisa ser um poço de sedução, mas pode usar o cabelo comprido. A individualidade em cada uma de nós pode e deve ser preservada, assim

como a maneira de contar a notícia, que é o mais interessante, o novo, o fascinante (HABIB, 2005, p. 207).

Farfan (2015) afirma que apenas nos anos 2000 as mulheres deixaram o padrão masculino. “As apresentadoras ou âncoras passaram a adotar o corte de cabelo como preferem, curto ou longo. A escolha não é mais feita pela necessidade de se adequar para fazer parte de um mercado de trabalho predominantemente masculino.” Farfan (2015, p. 59)

Além das repórteres e apresentadoras citadas, a pesquisa também optou por apontar a jornalista Alice Maria, que não esteve frente às câmeras, mas teve papel importante para o telejornalismo.

Figura 8 - Alice Maria



Fonte: Globo, 2021

Um ano após a inauguração da emissora Globo, em 1966, Alice começou sua trajetória como jornalista e teve a oportunidade de estar presente e participar da criação do Jornal Nacional, em 1969. Logo, em 1973, se tornou diretora de telejornais da Globo, cargo importante que encarregava a função de responsável pelas notícias, perfil do programa e pelos repórteres. O cargo concedeu-lhe posição favorável, onde pode acompanhar as evoluções do telejornal. A jornalista foi a primeira mulher no país a ocupar o cargo de diretora na Central Globo de

Jornalismo. (MEMORIAL GLOBO, 2021). Além da emissora, Alice Maria também foi diretora executiva de jornalismo da Rede Manchete.

Outro marco importante de sua carreira e do jornalismo, a Globo News, primeiro canal de notícias 24 horas do país, foi implantada e dirigida pela jornalista.

Alice encarou o desafio de montar, a partir do zero, uma programação repleta de telejornais ao vivo, envolvendo todas as equipes que participam de uma operação de telejornalismo, desde o próprio departamento de jornalismo até as áreas de engenharia e informática, entre outras. (MEMORIAL GLOBO, 2021)

Como já citado, a presença e destaque de mulheres no telejornalismo foi possível graças às lutas das mulheres pelo acesso à universidade, entre outros direitos. Em 2021, O “Perfil do Jornalista Brasileiros 2021”, pesquisa realizada pela Universidade Federal de Santa Catarina, apontou que, no ano da pesquisa, as mulheres representavam 58% dos profissionais na profissão. O mesmo estudo também exhibe a crescente evolução das turmas do curso de jornalismo. Até o ano de 1970, eram 18 turmas de jornalismo no Brasil; até o ano de 2020, o Ministério da Educação (MEC) reconheceu 327 turmas no país. Temer e Santos (2016, p. 4), citando Heckman, informam que “70% dos estudantes inscritos nos cursos de jornalismo e comunicação são mulheres”.

2.2 Mulher negra e jornalista no telejornalismo

A mesma pesquisa que aponta o perfil racial da imprensa também traz a relação da presença de jornalistas negras e destaca o aumento delas na profissão, sendo de 23% em 2012 para 30% em 2021. Segundo a pesquisa, o avanço é resultado de uma combinação entre sistemas de inclusão social, sendo o sistema de cotas raciais nas universidades, e os movimentos de lutas contra o racismo abordados na última década. Embora haja uma maior inserção de mulheres negras no telejornalismo, a comparação entre a quantidade de jornalistas brancas ainda é desigual. Magalhães e Ramires (2021) enfatizam que ao longo dos anos as jornalistas negras conseguiram conquistar espaço, mas ainda são minoria. O autor conclui:

Ao longo de seis décadas de televisão no Brasil, mulheres negras têm conquistado, paulatinamente, postos de trabalho e destaque no jornalismo

de TV. Glória Maria, Dulcinéia Novaes, Graça Araújo, Luciana Camargo, Joyce Ribeiro, Flávia Oliveira, Aline Midlej, Lilian Ribeiro, Zileide Silva, Maju Coutinho e Luciana Barreto são exemplos disso. Repórteres e âncoras de telejornais, essas mulheres ainda são minoria no mercado de trabalho. (Magalhães e Ramires, 2021, p. 287)

Após 72 anos do primeiro telejornal brasileiro, a disparidade entre a presença de jornalistas brancas e negras é visível no telejornalismo, o que reforça a existência da desigualdade de raça entre os gêneros. Uma pesquisa que detalha a presença de negros na TV Pública, em 2010, constata que apresentadores "eurodescendentes" são 88,6% e "afro-descendentes" são 8,6%. Entre jornalistas, "eurodescendentes" aumenta para 93,3% e "afro-descendentes" diminui para 5,5%. (ZITO, 2010). Outra pesquisa, baseada por mapeamento dos principais telejornais, em 2018, aponta que de 22 telejornais analisados, 8 jornalistas brancas são escaladas e apenas 2 negras. (GALDINO, 2018). Ao avançar da pesquisa, serão apresentadas outras pesquisas e dados que validam a diferença já citada.

Além do enfrentamento por direitos realizado pelas mulheres, já citado antes, as mulheres negras se deparam com o acréscimo do racismo. Mesmo as mulheres negras representando a maior parcela da população brasileira, em 2020, segundo o IBGE, negras e pardas representavam 55,43% da população feminina no Brasil, elas ainda são minoria e são mais atingidas pela desigualdade. Galdino (2018) reafirma a luta das mulheres negras por enfrentarem o duplo preconceito “o primeiro é por ser mulher e o outro é pela cor da pele”.

Quando falamos de desigualdade de gênero e raça, da luta contra a discriminação das mulheres negras, expomos um debate sobre as pessoas, que em grande parte, se encontram em condição de vulnerabilidade social e que historicamente, não tiveram sua cidadania garantida, e consequentemente, o seu direito á identidade não foi respeitado. (GAMA, 2018, p.7).

Quanto ao cenário telejornalístico, essa minoria é associada também a dificuldade para se ter espaço, acima disso, para conseguirem cargos como repórter e apresentadora. “As mulheres negras são as que mais sofrem essa forma de exclusão, principalmente quanto a serem chamadas para serem âncoras.” (MAGALHÃES; RAMIRES, 2021, p. 291). Entendendo que a mulher negra enfrenta o obstáculo do gênero e da cor, Ferreira (2022) faz relação dessa dificuldade com o jornalismo:

A deslegitimação que a mulher negra sofre nas esferas raciais, de gênero e classistas faz com que ela não consiga acessar a espaços elitizados e historicamente brancos”. “A mídia, destaque para a televisão, sendo um local de poder na sociedade, é um desses espaços. (FERREIRA, 2022, p. 13)

Segundo Abreu (2022, p. 11), “as mulheres negras não representam nem 30% das jornalistas que passam as notícias, mesmo sendo a maioria na população brasileira”. A presença de jornalistas negras nos telejornais brasileiros se confirmou em 1970, com a presença de Glória Maria, a jornalista é pioneira por ser a primeira jornalista negra a aparecer na televisão. Após ela, outras jornalistas, mesmo que em casos isolados, também conquistaram espaço nos noticiários brasileiros. Na perspectiva de conhecer a presença das jornalistas negras que se consolidaram no telejornalismo, será apresentado a trajetória das mesmas.

Figura 9 - Maria Júlia Coutinho



Fonte: Globo, 2021

Maria Júlia Coutinho, apelidada de "Maju" pelo jornalista Willian Bonner, começou sua carreira em 2005, como apresentadora do *Jornal da Cultura*. Somente em 2007, a jornalista ingressou na rede Globo como repórter. Em 2013, se tornou apresentadora da meteorologia do *Jornal Hoje*, no mês de outubro, Maria Júlia passou a apresentar, eventualmente, a meteorologia do *Jornal Nacional*. Maju se tornou apresentadora fixa no *Jornal Nacional*, em abril de 2015, quando o quadro

passou a ser apresentado ao vivo. Em 2016, Maria Júlia passou a apresentar, eventualmente, o *Jornal Hoje*.

Em 2015, a jornalista foi alvo de racismo nas redes sociais. Os comentários racistas foram postados em post de uma foto da Maria Júlia Coutinho, na página do *Jornal Nacional* no Facebook. Os jornalistas William Bonner e Renata Vasconcellos publicaram um vídeo em defesa da jornalista com a mensagem: "SomosTodosMaju". No Twitter, a hashtag #SomosTodosMajuCoutinho ficou no topo dos assuntos mais comentados.

Em 2019, a jornalista ganhou o prêmio Troféu Domingão-Melhores do Ano 2019. A jornalista disputou com as jornalistas Renata Vasconcellos e Sandra Annenberg. Ainda no ano de 2019, em agosto, Maju se tornou âncora do *Jornal Hoje*. Em novembro de 2021, Maju foi escolhida para apresentar o *Fantástico*, ao lado de Poliana Abritta, onde está até hoje.

Figura 10 - Zileide Silva



Fonte: Globo, 2021

Zileide foi editora na TV Cultura; no SBT, cobriu o Plano Collor, no telejornal *TJ Brasil*. Em 1997, iniciou sua carreira na Globo, em Brasília, cobrindo economia para o *Jornal Nacional*. Sua primeira cobertura internacional foi o Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça, acompanhando o então presidente Fernando Henrique Cardoso, em 1998. Em 2000, foi convidada para ser correspondente em

Nova York. Zileide fez a cobertura dos atentados de 11 de setembro. No ano de 2002, a jornalista voltou ao Brasil e participou da cobertura da campanha do ex-metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República. Também cobriu a eleição de Dilma Rousseff, em 2010. Como apresentadora, Zileide passou a apresentar o *Jornal Hoje*, aos sábados do ano de 2007.

Figura 11 - Joyce Ribeiro



Fonte: Ribeiro, 2021

Joyce começou a trabalhar no telejornalismo em 1998, como repórter e apresentadora da Legião da Boa Vontade. Em 2002, ingressou na Record como repórter do Fala Brasil. Em 2005, ela passou a fazer parte do SBT, onde passou 12 anos e foi repórter do *SBT Repórter*, apresentadora do tempo e apresentadora dos telejornais *Jornal do SBT*, *Aqui Agora* e *SBT de São Paulo*. Em 2016, a jornalista passou a apresentar o telejornal *Primeiro Impacto*, projeto novo da emissora. Em 2018, na TV Cultura, passou a apresentar o *Jornal da Cultura*. Atualmente apresenta o *Jornal da Tarde*, na TV Cultura. É autora dos livros “Chica da Silva – Romance de uma vida” e “Deixa enrolar – A história dos cachos no Brasil”.

Figura 12 - Luciana Barreto

Fonte: Barreto, 2020

Luciana Barreto iniciou no telejornalismo como repórter e apresentadora do Canal GNT, em 1999. Em 2003, passou a integrar a equipe da TV Bandeirantes, onde apresentou o programa BandNews, Dia a Dia e as previsões do tempo no Jornal da Band. Na Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), em 2005, foi apresentadora e alcançou o cargo de diretora-executiva. Em julho de 2019, Luciana foi a primeira jornalista negra a apresentar um telejornal na CNN Brasil. Além de jornalista, ela é ativista de direitos humanos e ganhou prêmios importantes, como o Prêmio Nacional de Jornalismo Abdias Nascimento, em 2012, pelo programa “Caminhos da Reportagem – Negros no Brasil: brilho e invisibilidade”. Em 2021, foi listada como uma das 100 Pessoas Mais Influentes de Descendência Africana (Mipad) na categoria Mídia. Atualmente, ela apresenta o telejornal *Visão CNN*, na CNN Brasil.

Figura 13 - Luciana Camargo

Fonte: Rede TV, 2020

A jornalista Luciana Camargo começou sua carreira no telejornalismo na extinta Rede Mulher, como apresentadora e repórter da revista eletrônica *Nova Mulher*, em 1999. Após oito meses, passou a apresentar o programa *Matéria Pública*, da TV Cultura, onde ficou até o ano de 2002. No ano de 2003, a jornalista passou a integrar o time de apresentadores da Rede Bandeirantes. Na TV Gazeta, Luciana foi apresentadora do *Gazeta News*, *Jornal Gazeta*, apresentadora da previsão do tempo e repórter cultural. Em 2012, ela ingressou na Rede Globo, onde foi repórter dos telejornais *Bom Dia SP*, *SPTV 1* e *SPTV2*, em São Paulo. Luciana também passou pela tv pública como apresentadora e repórter do *Jornal da Câmara*, o telejornal da Câmara dos Deputados. Em 2014, a jornalista passou a fazer parte da RedeTV, e foi responsável pela edição e apresentação da Previsão do tempo, *Jornal Rede TV News* e *Leitura Dinâmica*. Em Nova York, no ano de 2018, ela foi correspondente internacional. A jornalista foi contratada pela Record, em 2020.

Figura 14 - Salcy Lima

Fonte: Salcy, 2020

Salcy iniciou sua carreira na Record TV Belém, como apresentadora e repórter do Eco Record e do telejornal Pará Record. Em 2014, passou a fazer parte do elenco da emissora em São Paulo para todo o Brasil, começou na apresentação do bloco de esportes e atuou como apresentadora eventual do matutino Fala Brasil, mas em 2019, se tornou apresentadora fixa do telejornal. Também foi apresentadora da previsão do tempo no Jornal da Record. Em 2021, apresentou, aos sábados, o Jornal da Record. Atualmente é apresentadora do JR 24 horas, e aos sábados, comanda a edição do Jornal da Record. .

Figura 15 - Basília Rodrigues

Fonte: Basília, 2020

Basília iniciou no jornalismo como produtora na Rede TV, em 2013. Em Basília, foi repórter dos jornais Jota, Correio Braziliense, Congresso em Foco, Gazeta do Povo e Metrôpoles. Foi editora-chefe da Revista Evoke, em 2015. Na CBN, ficou por 12 anos e migrou para a CNN Brasil, em 2020, como analista de política. Basília ganhou o Prêmio Especialistas, em 2021, como analista de política; Troféu Mulher Imprensa de 2020 e 2018, como repórter da rádio CBN; segunda posição do Prêmio Comunique-se 2021, categoria Nacional.

Figura 16 - Aline Midlej

Fonte: Globo News, 2020

A jornalista iniciou sua trajetória como estagiária na TV Globo em 2005. Na TV Record, em 2006, foi produtora e teve sua primeira experiência como repórter. Na EBC, no ano de 2009, foi apresentadora do programa Nova África, onde também fazia reportagens especiais. Em 2010, ingressou na TV Bandeirantes e foi repórter do Jornal da Band. Ainda na Band, fez a cobertura do terremoto no Haiti e foi âncora do telejornal Café com Jornal. Em 2016, iniciou na Globo News, mas só em 2021 passou a apresentar o telejornal Jornal das Dez. No Jornal Nacional fez apresentações eventuais no ano de 2021.

Figura 17 - Cynthia Martins

Fonte: Cynthia, 2021

A jornalista começou no telejornalismo em 2010, como repórter do programa Câmera Especial, na Fundação Internacional de Comunicação (FIC). Também foi apresentadora eventual e repórter do noticiário CJC Notícia e apresentadora eventual do programa Tudo.com. Na Rede Globo, em 2013, atuou por quatro anos como apresentadora do tempo no SporTV News Manhã, logo depois, foi para reportagem e cobriu, também, a Copa do Mundo de 2014. Na Band, em 2018, fez apresentação do Band Notícias e reportagens para o Jornal da Band. Já no ano de 2019, entrou para a equipe de apresentadores que comanda o Jornal da Noite.

Figura 18 - Dulcinéia Novaes

Fonte: TV Gazeta, 2020

No telejornalismo, Dulcinéia iniciou como repórter, em 1981, na Rede Paranaense de Comunicação, afiliada da Rede Globo e apresentou o programa *Meu Paraná*. Desde 2013 é repórter do Globo Repórter.

Figura 19 - Camila Falabela

Fonte: Falabela, 2020

Camila iniciou no telejornalismo em 2011, como produtora da TV Record de Minas Gerais. No vídeo, a jornalista teve oportunidade de ser repórter em 2015, na Emissoras Pioneiras de Televisão (EPTV) de Minas Gerais. Em 2017, voltou a trabalhar como produtora no Jornal Band Minas e Brasil Urgente Minas, na TV Band Minas. Somente em 2021, a jornalista ingressou como repórter na emissora Globo, no telejornal MGTV 1. Camila também alcançou o cargo de Editora-chefe no Portal Sou BH, em 2016.

Mesmo com as presenças das jornalistas destacadas, reitera-se que elas ainda são minoria nos telejornais brasileiros. Para Sodré (2015), o “racismo midiático” é um dos fatores que impedem as jornalistas negras de alcançarem posição igualitária em relação às jornalistas brancas. O racismo midiático é definido por negação: “ a mídia tende a negar a existência do racismo”; indiferença profissional: “é reduzida a presença de negros nas fileiras profissionais da mídia brasileira.” (SODRÉ, 2015, p. 2). O autor destaca que:

Quando indivíduos de pele escura conseguem empregar-se em redações de jornais ou em estações de televisão, mesmo que possam eventualmente ocupar uma função importante, são destinados a tarefas ditas “de cozinha”, isto é, aquelas que se desempenham nos bastidores do serviço, longe da visibilidade pública. (SODRÉ, 2015, p. 2)

Gonçalves (2016) aponta sobre a necessidade de oferecer aos negros um lugar de destaque, para que isso contribua na sua valorização na sociedade. Cogitando a mudança e importância da mídia para isso, (CUNHA, 2022, p. 34), afirma que “a mídia, em especial o telejornalismo, possui um papel importante dentro da sociedade, pois não apenas transmite a realidade, como na verdade constrói a realidade a ser exibida.” Da mesma forma, existe também o avanço nas lutas contra o racismo, e a maior interatividade sobre o assunto, Pinheiro (2016) apresenta o início da percepção da mídia em relação a não- representatividade de profissionais negros. “Percebeu-se que, por muitas vezes, a mídia não dá o mesmo espaço para homens e mulheres, tampouco para homens e mulheres negras.” (PINHEIRO, 2016, p. 14). O que entende-se por um fenômeno, incetivado pelo movimento negro, está marcando a história da população afro-brasileira.

Entre 2019 e 2022, a representatividade negra nos telejornais passou a ser notada. Além disso, pesquisas também trazem essa compreensão, o “Perfil do Jornalista 2021” que já foi citado no trabalho, detalha a maior presença de mulheres negras na profissão. Galdino (2018) também reitera que “é perceptível que o tema das mulheres negras no telejornalismo se tornou corriqueiro para os telespectadores, pois deve ser levado em conta que a televisão estrategicamente aplica um ritual de repetição na programação”. Iterando o que foi discorrido sobre a conscientização da mídia, são apresentados acontecimentos que detalham essa interpretação do telejornalismo e representatividade.

Figura 20- Jornalistas negros apresentam série sobre racismo



Fonte: Record, 2019

Em novembro de 2019, na semana da Consciência Negra, a emissora Record lançou uma série especial: *Sem vaga para o racismo*. A série trouxe reportagens especiais que destacam a presença de pessoas negras no mercado de trabalho. Como destaque, foi apresentado histórias de pessoas negras bem-sucedidas com incentivo de estimular a inserção de negros no mercado de trabalho. A série foi apresentada por um time de jornalistas negros, sendo: Salcy Lima, Tarsilla Avarino, Amanda Santos, Mariana Bispo e Clóris Akonteh (figura19). Sobre a importância de apresentar o negro em condições favoráveis, (GONÇALVES, 2016, p. 8) faz a seguinte conclusão: “os afro-brasileiros não são representados nos telejornais brasileiros, e, quando aparecem, normalmente, a pauta é baseada no estereótipo de negro pobre ou que superou a pobreza, ou ainda na imagem do negro criminoso”.

No contraponto, a emissora Globo foi fortemente criticada nas redes sociais por escalar sete jornalistas brancos para debaterem sobre as declarações racistas do presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo. O episódio aconteceu no programa *Em Pauta*, na Globo News, em junho de 2020 (figura 20).

Figura 21 - Jornalistas brancos debatem sobre racismo na Globo News



Fonte: Globo, 2020

No dia seguinte, em 3 de junho de 2020, após a má repercussão do caso anterior, um grupo de jornalistas negros foi escalado para debater sobre o tema. O apresentador do programa *Em Pauta*, Marcelo Cosme, começou o programa dizendo que eles entenderam o recado e reconheceram o erro. Heraldo Pereira assumiu então a participação junto com as jornalistas Maria Júlia Coutinho, Aline Midlej, Zileide Silva, Lílian Ribeiro e Flávia Oliveira (figura 21).

Figura 22 - Jornalistas negros debatem sobre racismo na Globo News



Fonte: Globo, 2020

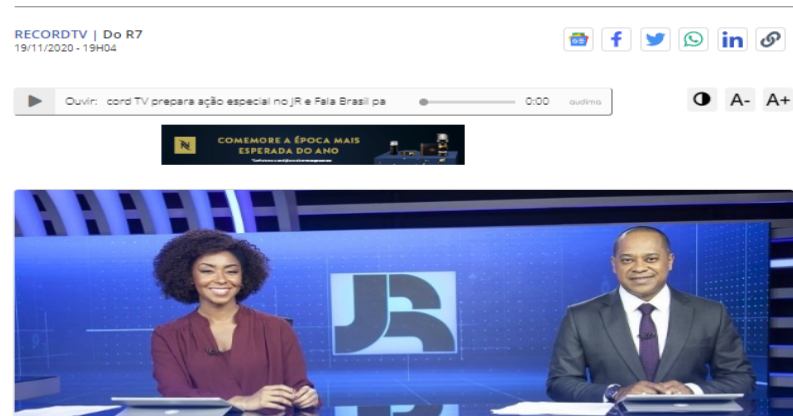
Em 2022, a Record News escalou as jornalistas Salcy Lima e Mariana Bispo para apresentarem o telejornal Record News. Antes disso, em 2019 e 2020, a

emissora já havia escalado dois jornalistas negros para a bancada no Dia da Consciência Negra, 20 de novembro. No telejornal Fala Brasil, também no Dia da Consciência Negra, as jornalistas Salcy Lima e Amanda Santos também foram escaladas para um dia com mais representatividade. Em entrevista para esta pesquisa, a jornalista Salcy Lima disse que após essas inserções no dia da Consciência Negra, nos anos de 2019 e 2020, e o retorno positivo do público, a emissora passou a escalar mais vezes os jornalistas negros. “Atualmente, nas escalas dos telejornais, já são programados os dias em que serão escalados os jornalistas negros para a apresentação do telejornal. Em determinadas escalas, temos um trio de apresentadores negros no Jornal da Record. As pessoas iam em nossas redes sociais e elogiavam bastante a presença de jornalistas negros(as) na bancada do telejornal. O retorno é muito positivo e nos inspira muito!”.

Figura 23 - Record faz programação com jornalistas negros na bancada

Record TV prepara ação especial no JR e Fala Brasil para celebrar o Dia da Consciência Negra

Jornalistas negros vão comandar os dois telejornais da emissora nesta sexta-feira (20)



Fonte: Edu Moraes/Record Tv, 2020

Figura 24 - Salcy Lima e Mariana Bispo apresentam telejornal



Fonte: Lima, 2022

Entendo a percepção da mídia em trazer mudanças e também o entendimento delas sobre a importância e representatividade, (PINHEIRO, 2011 p. 14) salienta essa assimilação da mídia: “finalmente, faz-se necessária, portanto, a inclusão destes profissionais na mídia como tentativa de dissolução dos padrões, do preconceito e do racismo”.

Ainda sobre a conquista de espaço das jornalistas negras nos telejornais, é preciso apresentar a contrapartida. Embora esteja havendo uma maior inserção de jornalistas afro-brasileiras, elas ainda são minorias no cenário telejornalístico. Abreu (2022) apresenta o outro lado e diz que “apesar de insuficiente e tardiamente”, é possível notar a maior inserção das profissionais negras nos telejornais, mas destaca que ainda é necessário entender que essa participação é minoria. (ALBUQUERQUE 2016, p. 54), traz a interpretação a respeito da lentidão para se ter representatividade negra entre os 72 anos de telejornalismo no Brasil. “As modificações ocorrem a passos tão lentos que ainda não representam uma mudança social profunda”. Apesar das mudanças, ainda é perceptível a falta de representatividade nos telejornais brasileiros e ainda há muito o que fazer para alcançar um cenário igualitário. Outro autor ressalta essa percepção:

Em subversão a essa lógica, algumas mulheres negras conseguem quebrar o ciclo de discriminação e adentrar a esses espaços. No entanto, são sempre minoria, por mais que sejam a maioria no quantitativo da população brasileira.(FERREIRA, 2022, p. 13)

Compreendendo que a inserção das jornalistas negras apresentadas ainda é insuficiente e que elas ainda representam uma porcentagem minoritária no telejornalismo, as jornalistas negras têm se posicionado sobre a luta anti-racista e a necessidade de maior inserção de profissionais negra no telejornalismo. A jornalista Luciana Barreto tem mostrado esse compromisso ao destacar a luta contra o preconceito, em uma entrevista, ela destaca que não quer ser uma história única e que não deseja ser conhecida como a âncora negra da CNN. Ela argumenta a problemática que há por trás dos títulos que se referem à presença negra como algo isolado e inédito. “Quero apenas que esses espaços sejam democráticos para que todas acessem”.(TPM, 2020, p. 01). Destacando a luta é por igualdade, o autor ressalta que “ o negro não quer tomar o lugar que o branco ocupa, muito menos competir com ele, a população negra quer apenas estar ao seu lado e gozar os mesmo direitos. ” (RIBEIRO, 2004. p.41). A inserção de jornalistas negras, mesmo ainda sendo minoria e não tendo alcançado a presença igualitária em comparação a aparição de jornalistas brancas, entende-se a importância das lutas por igualdade.

3 METODOLOGIA

Para a elaboração deste Trabalho, a escolha do tema se deu a partir da observação e, principalmente, pela afinidade e relevância do tema. Segundo Antonio Teixeira apud Rogério Diniz (2005, p. 39), o pesquisador deve se sentir à vontade com o tema. Além disso, o tema deve ter importância, ter relevância, apresentar avanços e despertar interesse. A partir da escolha do tema, que é a inserção de jornalistas negras no telejornalismo e para dar prosseguimento no objetivo principal, que é analisar e apresentar a trajetória da presença de jornalistas negras nos telejornais e as mudanças ocorridas sobre a inserção de jornalistas negras nos últimos cinco anos, optamos por uma pesquisa documental e bibliográfica.

Partindo do ponto da escolha por fazer uma pesquisa documental e bibliográfica, a exploração documental foi utilizada para confirmar, dar embasamento histórico e ao estudo do caso apresentado. Matsuuchi (2005) confirma que “a documentação é uma importante fonte de dados”. Também foi realizada a análise documental para assegurar a legitimidade das informações. Para dar contexto aos fatos, a análise documental foi feita a partir de investigação e semelhanças dos documentos encontrados. Além da pesquisa do objeto específico faz-se necessária a apuração paralela e simultânea de informações que complementem os dados coletados (SÔNIA, 2005, p. 275).

Já na pesquisa bibliográfica, foi realizado um prévio levantamento bibliográfico a partir da formulação do problema. Sobre pesquisas, o autor ressalta:

"Leituras históricas focalizam a periodicidade e a evolução da investigação com abrangências marcantes, determinadas e, na maioria das vezes, com divergências de pesquisadores para pesquisadores, e de período para período, em consequência das ocorrências científicas do momento." (COUTO, 2007, p. 23).

Para dar prosseguimento ao objetivo secundário, foram realizadas entrevistas com jornalistas negras no intuito de captar a percepção delas em relação ao tema proposto. Duarte (2005) diz que o uso de entrevistas permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos. “Seu objetivo está relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema”. (DUARTE, 2005, p.63)

As entrevistas foram delimitadas por entrevistas semiestruturadas e individuais. Segundo Duarte (2005, p. 64), a entrevista semiestruturada é adequada tanto para o entendimento de uma realidade quanto para a percepção do entrevistado.

A entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 146 e 152).

O questionário, apresentado no Anexo A, foi realizado a partir de entrevista aberta, que são “exploratórias e flexíveis”, com intenção de aprofundar as respostas e as descobertas (DUARTE, 2005). O questionário teve como objetivo entender a trajetória das jornalistas, as dificuldades enfrentadas e suas percepções em relação a inserção de jornalistas negras nos telejornais.

A pesquisa documental também foi adotada para apresentar, de maneira resumida, a trajetória das jornalistas negras que tiveram destaque no telejornalismo. Além disso, também foi destacada a carreira das jornalistas entrevistadas para este trabalho, sendo: Salcy Lima, apresentadora do *Jornal da Record*, na Record; Basília Rodrigues, analista e colunista, na CNN; Camila Falabela, repórter do *MGTV 1ª edição*, na Globo de Minas Gerais. Com as jornalistas citadas, foi feita a entrevista semiestruturada e individual, pela plataforma de vídeo *Zoom* e pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp*, nos dias 17 e 18 de novembro de 2022.

As jornalistas foram escolhidas a partir dos seguintes critérios: tempo de profissão, atuação como repórter, comentarista ou âncora de um telejornal, disponibilidade e vínculo com o tema. Segundo Duarte (2005), a pesquisa deve exigir boas fontes para a entrevista, por conseguinte, as fontes devem ter ligações com o tema, inclusive, “a seleção é intencional quando o pesquisador faz a seleção por juízo particular, com conhecimento do tema ou representatividade subjetiva”. (DUARTE, 2005, p. 69). Além destas, as jornalistas Luciana Barreto (CNN), Cynthia

Martins (Band) também foram procuradas. Luciana optou por não dar entrevista; Cynthia não retornou a solicitação.

Como objetivo secundário, também foi realizado a observação dos principais telejornais de programação nacional das emissoras Globo, Record e CNN, de 06h300 até 21h00, no período de 7 dias alternados, partindo do ponto de vista sobre a presença negra feminina nos cargos de repórter, âncora e comentarista, sendo o mais recente, e a ausência das mesmas. Gil (1978) ressalta que “a coleta de dados implica a definição clara dos objetivos que se pretende alcançar e a determinação das questões que vão orientar a pesquisa.”.

Além disso, o mapeamento dos telejornais escolhidos é baseado na definição que Gil (1999), dá para a observação em pesquisas. “A observação apresenta como principal vantagem, em relação a outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação”. Foram escolhidos os dias: 17, 18, 19, 20, 21, 22 e 23. A escolha dos dias foi feita com base na proximidade do Dia da Consciência Negra, 20 de novembro, sendo assim, foram escolhidos três dias antecedentes, três dias posteriores ao feriado e o dia em que se é feriado.

Nas datas, foram observados os telejornais: *Jornal Nacional* e *Jornal Hoje*, da emissora Rede Globo em TV aberta; *Jornal da Record 24 horas*, da emissora Record, também em TV aberta; *CNN 360º*, *Visão CNN* e *CNN Novo Dia*, da emissora CNN Brasil, em TV fechada. No sábado, dia 19, foi analisado o telejornal CNN Sábado Tarde e CNN Sábado Manhã, na substituição dos telejornais que possuem programação de segunda a sexta. No domingo, 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, foram analisados os telejornais CNN Domingo Tarde e CNN Domingo Manhã, que substituíram os telejornais com programação de segunda a sexta. Também no dia 20 de novembro não foram analisados os telejornais *Jornal Hoje* e *Jornal Nacional*, por não oferecerem programação aos domingos, no entanto, foi analisado o programa *Fantástico*.

Os telejornais foram escolhidos com base na audiência. Segundo o Kantar Ibope Media, os telejornais das emissoras Globo e Record se encontram no PNT TOP 10 de programas com maior audiência da TV aberta no Brasil. Dos dias 31 de outubro até 6 de novembro, o *Jornal Nacional* marcou 46,1 pontos, somado com a edição de sábado; o *Jornal da Record* 15,1 pontos, somado com a edição de

sábado. A análise dos dias 17 de novembro até o dia 23 de novembro, marcaram que o Jornal Nacional alcançou 43,5 pontos contando com a edição de sábado. O Jornal da Record, 13,6 pontos, também com a edição de sábado. Cada ponto representa 26.828 domicílios e 71.601 indivíduos. A pesquisa contou com entrevista de uma jornalista de cada veículo escolhido.

4 PAPEL E IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA

A TV, ao longo dos 72 anos, esteve presente em grande parte dos lares brasileiros. Os telejornais, então, se tornaram um dos maiores veículos de comunicação em massa com alto poder de influência. O IBGE revelou na pesquisa Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), que em todos os domicílios pesquisados em 2019, em 96,3% havia um aparelho de televisão. Em 2021, o Instituto Ranking Pesquisa constatou que a televisão é o meio de comunicação mais confiável no país para 55,80% dos entrevistados. Ferreira (2009) destaca o poder de influência dos telejornais, e diz que “sua influência estética, sociocultural, política e econômica é alvo de debates acalorados desde sua consolidação na década de 70, quando o Brasil já ocupava o quarto lugar no ranking mundial de gastos publicitários com televisão”.

Mesmo com as variações, crescimento de novas tecnologias, em destaque a internet, a TV ainda se consolida. Em 2021, a internet já se faz presente em 90% dos domicílios, de acordo com a pesquisa *Tecnologia da Informação e Comunicação* (TIC) 2021. “Em 2021, o celular é o principal dispositivo de acesso à internet, sendo utilizado em 99,5% dos domicílios. Em seguida, a TV, principal dispositivo para acesso à internet, em 44,4% dos domicílios”. Entendendo o poder midiático vinculado à credibilidade dos telejornais e o alcance que a TV tem, faz-se necessário compreender o papel que a mídia exerce sobre representatividade. Hamermüller (2018) considera que “isso significa que a televisão tem uma significação muito forte na vida da população brasileira – e pode exercer grande influência sobre nós em diversos âmbitos.”

Quanto à raça e representação da própria sociedade, no Brasil, a soma de pessoas que se autodeclaram pretas ou pardas é de 54,7%; as brancas representam apenas 43% da população, de acordo com a PNAD Contínua de 2021. Farias (2018) faz afirmações em relação à representatividade no telejornalismo e diz que a visibilidade é fundamental para identificação da própria raça e do valor que ela carrega.

A pouca representação negra em diversos espaços diminui os anseios de jovens negros, pois, além de terem como referência muitas significações indignas da população negra, ainda são poucos os que alcançam um lugar de sucesso e uma imagem séria e profissional. (FARIAS, 2018, p.46)

Para as mulheres negras, elas também representam maioria na sociedade brasileira. De acordo com o IBGE, as mulheres negras e pardas somavam 60 milhões, o que representava 55,43% da população feminina no Brasil, em 2020. Para Sodré (2000), existe a importância da representatividade das mulheres pretas. O autor conclui: “quando tende a não escalar jornalistas negros, em especial mulheres, para os cargos de repórter e apresentadora nos telejornais de canais abertos ou fechados indo contra o prado populacional do próprio país.”

Ainda destacando a presença da mulher negra no telejornalismo, a jornalista Joyce Ribeiro relata, em uma entrevista, a relevância da presença da mulher negra no telejornalismo e o papel social que há por trás disso, ela destaca que o espaço das jornalistas negras e cargos de liderança nas redações é conquistado com resistência. “A insistência é a nossa militância também, querer continuar, acreditar que pode continuar e buscar formas de continuar” (LIMA, 2022)

A falta de diversidade étnica no telejornalismo brasileiro torna-se um impasse na construção de uma sociedade mais igualitária, já que os afrodescendentes não se veem nesse espaço, portanto não se sentem devidamente representados. (ALBUQUERQUE, 2016, p. 42-43)

Martins (2015) também aponta a relevância da TV para a identificação de raças. “A constatação de sociólogos e outros estudiosos é que, na TV, a falta de representatividade do negro influencia ativamente na constituição da identidade desta população e na forma como ela é vista pelos demais”. Entendendo a relação entre o poder de influência da televisão, (ESTEVES, 2000, p. 26) destaca o papel social que a mídia tem sobre “a reprodução cultural, a socialização e a integração social dos indivíduos”.

Maria Júlia Coutinho a Maria Alice: Em dezembro de 2019, o vídeo da pequena Maria Aline, de 2 anos e 11 meses, viralizou quando ela se “identificou” com a apresentadora Maria Júlia Coutinho, apresentadora do Jornal Hoje. No vídeo, a garota diz: “Esse aqui é meu cabelo! E o meu vestido é amarelo”. A mãe da

menina, Naiane Mariano, em uma entrevista ao *Portal Extra*, disse que aquela foi a primeira vez em que Maria Alice se viu representada na TV.

Nunca havia tocado no assunto de profissão com Maria Alice, até porque ela ainda é muito pequena. Depois do encontro, perguntei o que ela queria ser quando crescer e ela me respondeu na hora: "Maju. Quero ser Maju, mamãe. (NAIANE, 2019).

Figura 25 - Maria Alice se vê representada por Maria Júlia Coutinho



Fonte: Mariano, 2019

Ainda em dezembro, a apresentadora Fátima Bernardes, no programa Encontro com Fátima Bernardes, realizou uma surpresa e promoveu um encontro entre a pequena fã e a jornalista. Maju disse na entrevista que “ficou super emocionada” e que “era muito raro a gente se ver”. Eu não cresci me vendo e isso vai fazer uma diferença positiva para essa geração que está vindo”. No momento do encontro entre a jornalista Maju e a pequena Maria, a apresentadora Fátima aproveitou para evidenciar a mudança de cenário e a oportunidade que a representatividade causa: “Maju, foi tanto tempo sem esse espaço aberto, que é muito importante, agora, que você aproveite para tocar crianças, mulheres e jovens negros.” (GLOBO, 2019)

Figura 26 - Encontro entre Maria Júlia Coutinho e Maria Alice



Fonte: Coutinho, 2019

Além dos telespectadores que gravam vídeos e engajam sobre representatividade, Maria Júlia Coutinho também tem usado as redes sociais para se posicionar contra o racismo e gerar conscientização sobre a maior visibilidade da população negra. (FERREIRA, 2022, p. 13), ressalta a importância da reprodução dessa imagem positiva da mulher negra: “as mulheres negras que apresentam os telejornais ajudam na construção de um imaginário social positivo vinculado à mulher negra e se transformam em referências para as telespectadoras negras.”

4.1 Percepção das entrevistadas

Para esta pesquisa foram entrevistadas as jornalistas Salcy Lima, repórter e apresentadora da emissora Record, em São Paulo; Basília Rodrigues, repórter e analista de política na CNN, em Brasília; Camila Falabela, repórter no MGTV 1, em Minas Gerais. As jornalistas foram questionadas sobre a opinião delas em relação a visibilidade que uma jornalista negra causa ao ser evidenciada em um telejornal, importância da representatividade e obstáculos na profissão de jornalista para a mulher negra. A jornalista Salcy Lima falou sobre a importância da representatividade nos telejornais e comentou sobre as mudanças feitas pela emissora Record. “Essas mudanças são muito boas, mas ainda é o começo. Ainda

falta a contratação de mais profissionais pretos.” Sobre os destaques feitos pela emissora no Dia da Consciência Negra, ela ressalta o quanto foi marcante. “No Dia da Consciência Negra, em que apresentei com o jornalista Luiz Fara Monteiro, foi muito forte! Me marcou de uma forma inesquecível. Também tive a oportunidade de dividir a bancada do Jornal da Record News com a jornalista Mariana Bispo. Isso marca o início de uma nova era.” Salcy também comentou sobre a luta da mulher negra e os obstáculos que enfrenta. “Comentei com ela que as nossas conquistas eram muito suadas. É muito dolorido para a mulher preta que é a mais desvalorizada no mercado”. Sobre a série de reportagens especiais sobre racismo, Salcy afirma que foi uma iniciativa da chefia.

Para Camila Falabela, uma das entrevistadas para esta pesquisa, a representatividade também é função das emissoras. “Na minha concepção, tem que ter a conscientização, principalmente, nas grandes empresas.”

Basília diz que à medida que os veículos de comunicação começam a ver e os chefes a materializar a ideia de jornalistas negras em lugares de destaque, isso traz a ideia de que é preciso contratar mais pessoas negras. “Essa ideia *fora do padrão*, vai ser cada vez mais deixada de lado”.

Para as entrevistadas, a invisibilidade de jornalistas negras nos telejornais é preocupante, mas é um lugar que precisa ser ocupado. A cada jornalista que ocupa um desses lugares de apresentadora, repórter, analista ou apresentadora do tempo é uma conquista para todas as outras que não estão naquele meio também, pois estão sendo representadas. Basília destaca que é preciso mudar a imagem dos negros na tv, que são sempre vistos em situações inferiores e negativas.

Todas as entrevistadas não se sentiam representadas quando começaram no jornalismo e destacam que eram raras as jornalistas que apareciam na TV, e isso foi uma má referência. Basília relata a experiência do dia em que escolheu o curso de jornalismo e contou para a família: “uma pessoa muito próxima a mim me disse para eu observar quantas negras eu via na televisão e se era isso mesmo que eu queria para mim. Aquilo, por um momento, me paralisou e fez por muito tempo não imaginar estar em um telejornal.” Salcy também conta que a mãe não achava que ali, no telejornalismo, poderia render algum resultado justamente por não ter

mulheres pretas trabalhando e sendo evidenciadas. Mesmo percebendo mais jornalistas negras nos telejornais, elas concordam que é muito pouco e insuficiente.

Salcy, Camila e Basília acreditam que o caminho para haja equilíbrio é o acesso à educação e destacam a importância de políticas públicas. Também apontam o desafio do mercado de trabalho. “O negro pode até ter diplomas, mestado doutorado, mas ele ainda vai enfrentar dificuldades, por exmplo, para uma cargo de chefe. Ele precisa se provar bom”, conclui Salcy.

5 ANÁLISE DA PRESENÇA DA JORNALISTA NEGRA NO TELEJORNALISMO

Com objetivo de constatar a presença de jornalistas negras nos jornais televisivos, foi realizado mapeamento em 7 dias dos telejornais: *CNN 360°*, *CNN NOVO DIA*, *VISÃO CNN*, da emissora CNN Brasil; *Jornal Hoje* e *Jornal Nacional*, da emissora Globo; *Jornal da Record*, da emissora Record; O objetivo da análise foi constatar a ausência ou presença de jornalistas negras. A análise foi feita observando aparição de repórteres negras, âncoras negras, apresentadoras negras ou comentaristas negras. O mapeamento é uma amostra limitada e não pode ser generalizado com todos os telejornais da tv brasileira. Nesta análise, foi observado que a presença de jornalistas negra é perceptível em alguns dias, mas insuficiente em comparação com a quantidade de jornalistas brancas que aparecem. No dia 20, Dia da Consciência Negra, é constatado que a aparição de jornalistas negras não chega nem a metade do número de jornalistas brancas. No total, a análise dos 11 telejornais resultou em 240 jornalistas brancas e 42 jornalistas negras, o que representa 14,9% das profissionais que aparecem em reportagens, apresentações e análises.

No primeiro dia de mapeamento, foram encontradas a presença de 5 jornalistas negras e 42 jornalistas brancas ao longo da programação de todos os telejornais.

Quadro 1 - Mapeamento de jornalistas negras (17/11)

NOME DO TELEJORNAL/ EMISSORA	JORNALISTAS BRANCAS	JORNALISTAS NEGRAS
JORNAL NACIONAL (GLOBO)	6	0
JORNAL HOJE (GLOBO)	10	0
JORNAL DA RECORD (RECORD)	8	2
CNN 360°	4	1
VISÃO CNN	6	0

CNN NOVO DIA	8	2
--------------	---	---

Fonte: elaboração própria

Já no segundo dia de mapeamento, foram encontradas a presença de 8 jornalistas negras e 43 jornalistas brancas ao longo da programação de todos os telejornais.

Quadro 2 - Mapeamento de jornalistas negras (18/11)

NOME DO TELEJORNAL/ EMISSORA	JORNALISTAS BRANCAS	JORNALISTAS NEGRAS
JORNAL NACIONAL (GLOBO)	4	1
JORNAL HOJE (GLOBO)	11	1
JORNAL DA RECORD (RECORD)	9	1
CNN 360°	5	1
VISÃO CNN	6	2
CNN NOVO DIA	8	2

Fonte: elaboração própria

Já no terceiro dia de mapeamento, foram encontradas a presença de 4 jornalistas negras e 29 jornalistas brancas ao longo da programação de todos os telejornais.

Quadro 3 - Mapeamento de jornalistas negras (19/11)

NOME DO TELEJORNAL/ EMISSORA	JORNALISTAS BRANCAS	JORNALISTAS NEGRAS
JORNAL NACIONAL (GLOBO)	7	1
JORNAL HOJE (GLOBO)	3	1
JORNAL DA RECORD (RECORD)	9	1

CNN SÁBADO MANHÃ	3	0
CNN SÁBADO TARDE	7	1

Fonte: elaboração própria

No quarto dia de mapeamento, Dia da Consciência Negra, foram encontradas a presença de 7 jornalistas negras e 24 jornalistas brancas ao longo da programação de todos os telejornais. Neste dia, as jornalistas negras representam apenas 22,6%, comparado a 77,4% das profissionais brancas.

Quadro 4 - Mapeamento de jornalistas negras (20/11)

NOME DO TELEJORNAL/ EMISSORA	JORNALISTAS BRANCAS	JORNALISTAS NEGRAS
FANTÁSTICO (GLOBO)	3	2
JORNAL DA RECORD (RECORD)	9	2
CNN DOMINGO MANHÃ	7	2
CNN DOMINGO TARDE	5	1

Fonte: elaboração própria

No quinto dia de mapeamento, foram encontradas a presença de 6 jornalistas negras e 38 jornalistas brancas ao longo da programação de todos os telejornais.

Quadro 5 - Mapeamento de jornalistas negras (21/11)

NOME DO TELEJORNAL/ EMISSORA	JORNALISTAS BRANCAS	JORNALISTAS NEGRAS
JORNAL NACIONAL (GLOBO)	5	0
JORNAL HOJE (GLOBO)	4	2
JORNAL DA RECORD (RECORD)	7	1
CNN 360°	8	0

VISÃO CNN	7	1
CNN NOVO DIA	7	2

Fonte: elaboração própria

Já no sexto e último dia de mapeamento, foram encontradas a presença de 7 jornalistas negras e 32 jornalistas brancas ao longo da programação de todos os telejornais.

Quadro 6 - Mapeamento de jornalistas negras (22/11)

NOME DO TELEJORNAL/ EMISSORA	JORNALISTAS BRANCAS	JORNALISTAS NEGRAS
JORNAL NACIONAL (GLOBO)	7	0
JORNAL HOJE (GLOBO)	1	1
JORNAL DA RECORD (RECORD)	8	2
CNN 360°	3	0
VISÃO CNN	4	2
CNN NOVO DIA	9	2

Fonte: elaboração própria

Já no sexto e último dia de mapeamento, foram encontradas a presença de 5 jornalistas negras e 32 jornalistas brancas ao longo da programação de todos os telejornais.

Quadro 7 - Mapeamento de jornalistas negras (23/11)

NOME DO TELEJORNAL/ EMISSORA	JORNALISTAS BRANCAS	JORNALISTAS NEGRAS
JORNAL NACIONAL (GLOBO)	6	0

JORNAL HOJE (GLOBO)	3	2
JORNAL DA RECORD (RECORD)	5	1
CNN 360°	8	0
VISÃO CNN	4	2
CNN NOVO DIA	6	0

Fonte: elaboração própria

Em 2018, outro mapeamento, que analisou 22 telejornais de 7 emissoras entre os dias 20 de agosto e 29 de agosto, feito por Galdino (2018), constatou que nos telejornais *Jornal Nacional* e *Jornal da Record* só foi encontrada 1 jornalista negra. Acevedo e Trindade (2011), também fizeram análise e mapeamento de janeiro a junho de 2011, da presença de jornalistas negros em TV abertas e puderam constatar que a participação de brancos se deu em 100% para brancos e 0% para negros na apresentação do *Jornal Nacional*. No *Jornal da Record*, a proporção se repete.

Analisando o mapeamento, disparidade entre a presença de jornalistas negras e brancas e o que já foi apresentado nesta pesquisa, percebe-se que, mesmo havendo inserção de jornalistas negras no telejornalismo, os números ainda são baixos e elas ainda representam uma minoria. Sobre a minoria de jornalistas negras nos telejornais analisados, a explicação de Ferreira (2022) é associada à inviabilização da mulher negra. A ausência de representatividade de mulheres negras na mídia contribui para a manutenção e “criação do imaginário social racista que associa negros a lugares subalternos”.

A deslegitimação que a mulher negra sofre nas esferas raciais, de gênero e classistas faz com que ela não consiga acessar a espaços elitizados e historicamente brancos. A mídia, destaque para a televisão, sendo um local de poder na sociedade, é um desses espaços. (FERREIRA, 2022, p. 13)

6 CONCLUSÃO

Como objetivo principal, este trabalho apresentou e analisou a presença da jornalista negra nos telejornais. Foi possível identificar que existe maior inserção de jornalistas negras nos telejornais, mas como ainda é insuficiente. Como objetivo secundário, foi possível concluir a percepção das jornalistas entrevistadas sobre a consciência de mais profissionais negras nos telejornais, e da necessidade de mais representatividade. Além disso, foi realizado o mapeamento dos principais telejornais da TV aberta e um telejornal da TV fechada. Dos telejornais: CNN 360°, CNN Novo Dia, Visão CNN, CNN Domingo Manhã e Tarde, CNN Sábado Manhã e Tarde, Jornal Hoje, Jornal Nacional, Fantástico, Jornal da Record, das emissoras Globo, Record e CNN; foram constatados a presença de 14,9% de jornalistas negras nos noticiários observados.

Apresentamos também fatores importantes que fizeram com que as mulheres adentrassem no cenário telejornalístico e conquistassem espaço. Para jornalistas negras, foi observado o duplo preconceito de gênero e raça, que as mulheres negras se deparam para poderem conquistar diversos espaços.

Pode-se constatar, por meio das entrevistas e das obras bibliográficas apresentadas, a essencialidade da representatividade de profissionais negras nos telejornais e, também, as características da invisibilidade das mesmas. Diante disso, foi possível concluir como a tv e os telejornais são meios importantes de visibilidade, representatividade e como podem apresentar a pluralidade social.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. ROCHA, Dora. **Elas ocuparam as redações**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.

ABREU, Laura Ferreira de; BORGES, Rosangela Ferreira de Carvalho. **O espaço destinado à mulher negra no telejornalismo**: sub-representação nos telejornais brasileiros. Revista Iniciacom, v. 11, n. 2, 2022. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/iniciacom/article/view/4112/2755>. Acesso em: 21 nov. 2022.

ACEVEDO, Claudia Rosa; TRINDADE, Luiz Valério de Paula. **Análise de ausência de diversidade étnica nos telejornais brasileiros**. Alceu, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p.90-108, jan./jul. 2011. Disponível em: . Acesso em: 10 agosto de 2022.

ALBUQUERQUE, Cíntia Gonçalves. **A Representação Do Negro No Telejornalismo Brasileiro**. Rio de Janeiro: 2016. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/6492/1/CAbuquerque.pdf> Acesso em: 12 nov 2022

ARAÚJO, Gilvan Ferreira. **Telejornalismo da História às Técnicas**. Curitiba: InterSaberes, 2017.

BANDEIRA, Gabriel Santos. **A gente não se vê por aqui: o jornalista negro no maior grupo de comunicação do Rio Grande do Sul**. PUC RS.2021. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1ysmNWsi6M5hbXX2dF14UR4CRU9P-_G9V/view. Acesso em: 21 set 2022

BARBOSA, Marialva Carlos; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Telejornalismo na Globo**: vestígios, narrativa e temporalidade. In: BRITTOS, Valéria Cruz; BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (Orgs). Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia. São Paulo: Paulus, 2005.

BARBOSA, Marialva Carlos. **Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil**. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart.; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. (Orgs). História da Televisão no Brasil: do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010.

BASTHI, Angélica. **Guia para Jornalistas sobre Gênero, Raça e Etnia**. Brasília: ONU Mulheres; Federação Nacional dos Jornalistas, 2011. Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/01/guia_jornalistas.pdf. Acesso em: 4 set 2022

BECKER, Beatriz. **Entre a narrativa e o acontecimento**. In: BECKER, Beatriz. A MATTOS, Sérgio. **A evolução histórica da televisão brasileira**. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). 60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica. Florianópolis: Editora Insular, 2010.

BENÍCIO, Jeff. **Negras quebram barreiras**. 2019. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/negras-quebram-barreiras-ao-co-nquistar-poder-no-jornalismo,126637f6322cfcf65a5b1d37b0f736e71atl722.html%20NEGRAS%20QUEBRAM%20BARREIRAS>. Acesso em: 21 nov. 2022.

BOECKEL, Cristina. **GloboNews: O começo do jornalismo 24 horas na TV brasileira**. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/813/1/CBoeckel.pdf>. Acesso em: 17 set 2022

BORELLI, Silvia H. S. & PRIOLLI, Gabriel (org.). **A Deusa ferida: por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência**. São Paulo: Summus, 2000.

BRASIL. Fundação Cultural Palmares. **Onde está o negro na TV Pública?**. Brasília: 2007. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/pesqtv.pdf>. Acesso em: 12 set 2022.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/13273-Pesquisa-brasileira-de-midia.html>. Acesso em: 21 nov. 2022.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <https://www.abap.com.br/wp-content/uploads/2021/06/pesquisa-brasileira-de-midia-2016.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2022.

BRUSCHINI, Cristina. **Mulher e mundo do trabalho: um ponto de vista sociológico**. Rio de Janeiro, Seminário Mulher, Desenvolvimento e Relações de Gênero, promovido pelo Centro João XXIII de Investigação e Ação Social (CIAS), 1991.

CANDIL, José Humberto. **Band News tv: o conceito de “telejornal sem fim”, um produto midiático**. Faculdade Cásper Líbero: São Paulo, 2013.

CARNEIRO, S. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. In: ASHOKA Empreendedores Sociais; TAKANO Cidadania (orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

CETIC. Tecnologia da Informação e Comunicação: **Uso da internet, televisão e celular no Brasil. 2020**. Disponível em: https://www.cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2020_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em: 24 out 2022.

COUTO, 2007- **A entrevista na pesquisa qualitativa - mecanismos para validação dos resultados (são paulo)**- "Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto RosaMarlene Aparecida Gonzalez Colombo Arnoldi"

DUBY, G. & AIRIÊS, P. **História da Vida Privada**. São Paulo: Cia das Letras: 1992. VI. 3.

ESTEVEES, João Pissarra. **Nova ordem dos media e identidades sociais**. In: Vários autores, Mídias e Processos Socioculturais. São Leopoldo, Unisinos, 2000.

FARFAN, Tainá Mesquita. **Mulher e telejornalismo**: uma análise da presença feminina na apresentação ou ancoragem de telejornais no Brasil. Brasília: 2015. Disponível em:file:///C:/Users/beatriz.soares/Downloads/2015 TainaMesquitaFarfan.pdf Acesso em: 16 jun.2022

FERREIRA, Raphael. **TELEJORNALISMO 24 HORAS**: Estudo da programação e proposta dos principais canais de notícias do Brasil. Universidade Federal Do Rio De Janeiro Escola De Comunicação: Rio de Janeiro, 2009.

FINGER, Cristiane. **Setenta anos de telejornalismo no Brasil**: continuidades e rupturas na construção do gênero noticioso mais popular da TV. 2020 Disponível em:https://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/2886/1481. Acesso em: 10 nov 2022

FOGOLIN, Vitória Vieira. **Mulheres apresentadoras no telejornalismo brasileiro**: coadjuvantes ou protagonistas? Bauru: 2021. Disponível em: https://repositorio.unisagrado.edu.br/bitstream/handle/432/1/MULHERES%20APRES ENTADORAS%20NO%20TELEJORNALISMO%20BRASILEIRO%20COADJUVANT ES%20OU%20PROTAGONISTAS. Acesso em: 12 set 2022.

FONSECA, Dandara. **Na CNN Brasil, Luciana Barreto não quer ser a “Âncora Negra”**. 15 mar 2020. Disponível em: https://revistatrip.uol.com.br/tpm/na-cnn-brasil-luciana-barreto-nao-quer-ser-a-ancora-negra?utm_source=facebook&utm_medium=tpm&utm_campaign=na-cnn-brasil-luciana-barreto-nao-quer-ser-a-ancora-negra. Acesso em: 22 out 2022.

GALDINO, Melissa C. C. **Mulheres Negras no Telejornalismo Brasileiro- Uma perspectiva paulista**. São Bernardo do Campo: 2018. Disponível em: file:///C:/Users/beatriz.soares/Downloads/AS_MULHERES_NEGRAS_NO_TELEJOR NALISMO_BRA.pdf. Acesso em: 23 set 2022

GAMA, Isabela C. A. **O peso do racismo sob a estética da mulher negra: um paradoxo da isonomia social brasileira**. Uberlândia: 2018. Disponível em: https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1527707080_ARQ UIVO_artigo-isabelagama-doc.pdf. Acesso em: 2 set 2022.

GLÓRIA Maria. **Memória Globo**, 29 out. 2021. Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/perfil/gloria-maria/noticia/gloria-maria.ghtml. Acesso em: 26 nov. 2022.

GOULART, Ana Paula Andrade. **Telejornalismo na quarentena**:. a estreia da CNN Brasil na pandemia de Covid-19. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2020.

GRUPO de Mídia São Paulo. **Mídia Dados 2021**. Disponível em: https://midiadadosgmsp.com.br/2021/. Acesso em: 12 set 2022

GUIMARÃES, Antônio. **Depois da democracia racial**. Tempo Social, v. 18, n.2, 2006.

HABIB, Lia. **Jornalista: profissão mulher**. São Paulo, Sapienza Editora, 2005.

IBGE. **Domicílios particulares permanentes, por posse de televisão 2001-2015**. Disponível em: <https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=PD282>. Acesso em: 13 out 2022

IBGE. **Porcentagem de mulheres na sociedade brasileira**. 2018. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7358#resultado>. Acesso em: 19 nov. 2022.

IBGE. **Tecnologia da Informação e Comunicação: Uso da internet, televisão e celular no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html#:~:text=Por%20outro%20lado%2C%20o%20n%C3%BAmero,%25%20para%2018%2C4%25>. Acesso em: 24 out 2022.

JOHN, Valquiria Michela. **Jornalismo esportivo e equidade de gênero: a ausência das mulheres como fonte de notícias na cobertura dos jogos olímpicos de Londres 2012**. Estudos em Jornalismo e Mídia Vol. 11 N° 2 Julho a Dezembro de 2014

KANTAR, Ibope Média. **Dados de audiência PNT TOP 10 com base no ranking consolidado - 14/11 a 20/11/2022**. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/dados-de-audiencia-pnt-top-10-com-base-no-ranking-consolidado-14-11-a-20-11-2022/>. Acesso em: 12 set 2022

KANTAR, Ibope Média. **Inside Video 2022 revela preferências dos brasileiros no consumo de conteúdos em vídeo**. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/inside-video-2022/>. Acesso em: 12 set 2022

LIMA, Analice. **A mulher negra no telejornalismo**. AICOM. Disponível em: <https://aicomfiam.com.br/2022/04/28/a-mulher-negra-no-telejornalismo/>, Acesso em: 23 nov 2022.

LIMA, Samuel Pantoja. **Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho**. Florianópolis: Quórum Comunicações, 2022. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/08/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2022.

MAGALHÃES apud Ramires: **Mulher, telejornalismo e estereótipos: discurso, classe social, gênero e raça**, 2021 .

MARTINS, Andréia. **Representação do Negro na TV**. 21 out 2018. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/representacao-do-negro-na-tv-antigos-estereotipos-e-busca-contextos-positivos.htm>. Acesso em: 22 out 2022.

MATTOS, Sérgio Augusto. **Um perfil da TV brasileira: 40 anos de história**. Salvador: Associação Brasileira de Agências de Propaganda, 1990.

MELLO, Jaciara. **Telejornalismo no Brasil**. In: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/estev/Downloads/Telejornalismo%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 13 de novembro de 2022.

MORAES, Edson. **Pesquisa aponta os meios de comunicação mais confiáveis no Brasil. Ranking Pesquisa 2021**. Disponível em: <https://rankingpesquisa.com.br/noticias/pesquisa-aponta-os-meios-de-comunicacao-mais-confiaveis-no-brasil/>. Acesso em: 20 out 2022

PERFIL racial da imprensa. Jornalistas & Cia, 2021. Disponível em: <http://www.jornalistasecia.com.br/files/perfilracialdaimprensabrasileira.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2022.

PINHEIRO, Sara R.P. **A Cor da Mídia Televisiva: A (in) visibilidade da jornalista negra na televisão paraense**. Belém: 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2016/resumos/R51-0075-1.pdf> Acesso em: 4 nov 2022

PORCELLO, Flávio A. C. **Mídia e Poder: os dois lados de uma mesma moeda: A influência política da TV no Brasil**. A Sociedade do Telejornalismo. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 49-79

RAMOS, Silvia. **Mídia e Racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002 BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/13273-Pesquisa-brasileira-de-midia.html>. Acesso em: 21 nov. 2022.

REZENDE, Guilherme. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

REZENDER, Guilherme. **Retrospectiva do Telejornalismo Brasileiro**: Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo, 1999.

RIBEIRO, Glaucy M. O. **Democracia Racial E Telejornalismo: O negro no mercado de trabalho audiovisual**. Minas Gerais: 2004. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/GLAUCYMEYREDEOLIVEIRARIBEIRO.pdf> Acesso em: 15 nov 2022

RIXA. **Almanaque da TV**. São Paulo: Objetiva, 2000.

ROCHA, Ana Carolina Pessoa Temer. **Revista Feminina Na Televisão: O Programa Note E Anote E A Formação Da Mulher Para O Mercado De Trabalho Informal**. 2001

RODRIGUES, Cícero. **Glória Maria. Memória Globo**, 29 out. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/gloria-maria/noticia/gloria-maria.ghtml>. Acesso em: 26 nov. 2022.

ROHEN, BIA. **Mãe diz que majuzinha busca referências negras: 'já pediu boneca, mas não podemos pagar.** EXTRA GLOBO, 8 dez 2019. Disponível em: <https://extra.globo.com/famosos/mae-diz-que-majuzinha-busca-referencias-negras-ja-pediu-boneca-mas-nao-pudemos-pagar-24122991.html>. Acesso em: 21 nov 2022

SILVA, Juliana Angela. **Coprodução de Notícias na Tv: O Telejornal Construindo a Realidade a Sociedade Construindo O Telejornal:** Recife, 2013.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia e cotas no Brasil.** 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SOUZA, Florentina N. **Sem Imagem, Sem Voz: O Telejornalismo nos Tempos da Ditadura Militar.** São Paulo, USP, 2009.

SQUIRRA, Sebastião. **A força monumental da imagem.** 2008. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_forca_monumental_da_imagem>. Acesso em 01 de nov de 2022.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação.** São Paulo: Atlas, 1990.

VALLE, Patrícia. O. R. **Telejornalismo e Audiência: um estudo das relações entre noticiários locais e seus telespectadores.** Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4261/1/PValle.pdf>. Acesso em: 2 de out de 2022.

APÊNDICE A

PERGUNTA 01: Nome; idade; há tempo atua no telejornalismo?

PERGUNTA 02: Descreva sua trajetória antes e após ingressar no jornalismo;

PERGUNTA 03: Antes de ser repórter/apresentadora se sentia representada no telejornalismo? E hoje?

PERGUNTA 04: Para você, por que a presença de jornalistas negras no telejornalismo é importante. E a falta de representatividade?

PERGUNTA 05: Como você observa o espaço ocupado pelas jornalistas negras nas redação de telejornalismo?

PERGUNTA 06: Na sua opinião, ainda há muito preconceito?

APÊNDICE B

Entrevistada 1 - Salcy Lima

1. Nome; idade; há tempo atua no telejornalismo?

Salcy Lima, 35 anos, jornalista há 10 anos.

2. Descreva sua trajetória antes e após ingressar no jornalismo;

Comecei no programa *Eco Record*, de lá fui para o Pará Record e fui apresentadora. No telejornal SP no Ar, fiz previsão do tempo. Depois fui ser repórter no Fala Brasil, depois apresentadora. Atualmente, sou apresentadora do Jornal da Record 24h, aos sábados.

3. Antes de ser repórter/apresentadora se sentia representada no telejornalismo? E hoje?

Na época, eu via a Glória Maria e a Joyce Ribeiro. Não tinha muita representatividade! Hoje, não me sinto representada 100%, mas existe uma diferença em comparação com quando comecei. Percebo que ainda falta mais e acho que o mercado de trabalho é preocupante. O negro tem que provar ser melhor duas vezes, e principalmente, para as mulheres negras.

4. Para você, por que a presença de jornalistas negras no telejornalismo é importante. E a falta de representatividade?

Eu me formei em comércio no exterior, mas sempre quis jornalismo. Minha mãe não me deixava fazer jornalismo justamente por isso. Hoje eu entendo ela! Naquela época, não tinha jornalista negra na TV, então ela pensava que eu não ia conseguir sucesso ali.

Pra mim, a representatividade é uma rede de apoio. É uma força pra nós que conseguimos chegar onde chegamos. Eu recebo muitas mensagens de pessoas que sonham em chegar onde chegamos. Acredito que seja a chave para evoluir.

5. Como você observa o espaço ocupado pelas jornalistas negras nas redações de telejornalismo?

Acredito que estamos conseguindo nosso espaço. Ainda falta muito! Eu percebo que se vê uma ou outra, em cargos altos, menos ainda. Essa maior inserção é visível no nosso grupo de jornalistas negras: “herdeiras de Glória Maria”.

6. Na sua opinião, ainda há muito preconceito?

No Pará não sentia muito racismo, mas em São Paulo, eu fui compreender o que era racismo mesmo. Em relação ao racismo, existe o preconceito velado e é cruel.

APÊNDICE C

Entrevistada 2 - Camila Falabela

1. Nome; idade; há tempo atua no telejornalismo?

Camila Falabela, 34 anos, estou no jornalismo há 13 anos.

2. Descreva sua trajetória antes e após ingressar no jornalismo;

Meu sonho era ser repórter de televisão, especificamente da TV Globo. Mas, por razões óbvias, achava que era um desejo inalcançável, já que a única preta que eu via era a repórter Fabiana Almeida, hoje, ela é uma das minhas melhores amigas.

Mesmo assim eu insisti. Meu foco sempre foi a televisão. Comecei como estagiária em uma TV universitária, já no primeiro período da graduação. Fiquei lá por um ano. Depois fui estagiar na Rádio Extra, um importante veículo aqui em Belo Horizonte, que fazia parte do grupo Itatiaia. Em seguida, passei num processo seletivo para estágio na Record, onde fiz produção de todos os jornais locais. Após dois anos, fui efetivada. Em 2015, resolvi experimentar novas atividades. Pedi demissão. Me tornei editora-chefe do Portal Sou BH. Trabalhar no mundo da Internet era algo novo pra mim. Logo, percebi que queria retomar meu desejo de ser repórter da Globo. Para isso, consegui uma vaga temporária de apenas 3 meses na EPTV, afiliada da Globo em Varginha, no Sul de Minas. Fiz poucas reportagens por lá, atuava mais na produção.

Quando acabou meu contrato, retornei para Belo Horizonte. Era época de eleições municipais, trabalhei em duas campanhas eleitorais e, no ano seguinte, consegui voltar para o mundo televisivo. Entrei para o Grupo Bandeirantes, por onde permaneceu durante 1 ano e veio. Em 2018, apareceu uma vaga para cobrir licença-maternidade na TV Globo. Era um período de apenas 7 meses. Mesmo assim, criei coragem, pedi demissão e fui atrás do meu sonho. Quando terminou o prazo, não havia vaga para mim. Fiquei praticamente quatro meses desempregada, até minha ex-chefe da Band me chamar de volta. Foi quando veio a surpresa: no dia, exatamente no dia, que retornei para a Band, me ligaram da Globo perguntando se eu tinha interesse em voltar. Abriu uma vaga! Não pensei duas vezes e retomei para onde eu sempre quis estar. Na Globo, fiz produção, apuração, Portal g1 e,

finalmente, fui para frente das telas. Sonho realizado! Porém, após um tempo, percebi que não queria aquilo. Por incrível que pareça, ficar na frente das câmeras não me deixava à vontade.

3. Antes de ser repórter/apresentadora se sentia representada no telejornalismo? E hoje?

Bem, sobre se sentir representada: como falei bem no início, a única negra que via na televisão era a Fabiana Almeida, umas das melhores repórteres de Minas. Por onde passei, eu era a única funcionária preta na área do jornalismo. Outros negros trabalhavam como porteiros, faxineiros e motoristas. Como jornalista, sempre fui a única.

4. Para você, por que a presença de jornalistas negras no telejornalismo é importante. E a falta de representatividade?

É preciso sim ter mais Camila 's na televisão, mais Fabiana' s, mais Maju. Para aumentar essa representatividade, é necessário, acima de tudo, o incentivo. A criança preta precisa ser motivada a acreditar que ela pode ser o que ela quiser, sim!

5. Como você observa o espaço ocupado pelas jornalistas negras nas redações de telejornalismo?

É preciso ter liderança negra, lugares ocupados por negros, que vão quebrar esse paradigma em que vivemos. Só assim, acredito que as coisas podem tomar um rumo diferente.

6. Na sua opinião, ainda há muito preconceito?

Basta ligar a TV para ver se há ou não preconceito. Somos a maioria. Não faz sentido não ocuparmos nossos lugares.

APÊNDICE D

Entrevistada 3 - Basília Rodrigues

1. Nome; idade; há tempo atua no telejornalismo?

Basília Rodrigues, 34 anos, 15 anos de jornalismo somado com estágios.

2. Descreva sua trajetória antes e após ingressar no jornalismo;

Trabalhei por 12 anos na Rádio CBN, e nesse período, fiz algumas participações pontuais na TV. Em 2015, apareci pela primeira vez, sempre em rodas de conversa sobre política. Quando eu decidi fazer jornalismo, uma pessoa da minha família me disse: -Por que você quer fazer jornalismo? Só existem, no máximo, 5 mulheres negras que fazem telejornalismo no Brasil". Eu não imaginava TV, acredito que por essa falta de representatividade. Eu não me imaginava na televisão! Foi quando a CNN me convidou para ser analista de política e eu passei a ter esse espaço efetivamente.

3. Antes de ser repórter/apresentadora se sentia representada no telejornalismo? E hoje?

Não me sentia representada. Hoje, é como materializar um sonho.

4. Para você, por que a presença de jornalistas negras no telejornalismo é importante. E a falta de representatividade?

Nós representamos a invisibilidade. A TV materializa isso, e viabiliza essa profissão a outras pessoas negras, que imaginam esse destaque. A tv, quando permite uma pessoa negra, ela abre porta para outras jovens e mulheres negras.

5. Como você observa o espaço ocupado pelas jornalistas negras nas redações de telejornalismo?

Eu comemoro cada espaço que alguma jornalista negra tem na tv, mas, ao mesmo tempo, digo que ainda é muito pouco. Somos muitas em números, muito boas em performance e entrega. Não me sinto satisfeita ainda!

6. Na sua opinião, ainda há muito preconceito?

Há preconceito todos os dias. O negro é associado ao crime, doenças, desemprego e outras coisas não positivas. É muito difícil! Quando você aparece em um lugar de destaque, com um microfone poderoso da CNN Brasil, é disruptivo! Uma quebra de padrão e quem está lá não é uma branca, é uma negra, Basília Rodrigues, e eu faço questão de repetir!

APÊNDICE E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA ESTUDO DA ÁREA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – PARTICIPANTE MAIOR DE IDADE

Inserção de jornalistas negras no telejornalismo

Este TCLE segue a norma em vigor (510/2016) no campo da pesquisa acadêmica.

Você está sendo convidado (a) para participar de uma pesquisa do campo das ciências sociais e áreas de humanas. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos. Este estudo tem como título: ***Inserção de jornalistas negras nos telejornais*** e está sob responsabilidade da pesquisadora Beatriz Soares de Souza.

Os dados e informações usadas neste trabalho serão disponibilizadas no Repositório Institucional.

Eu AUTORIZO, de forma gratuita e sem qualquer ônus, ao pesquisador responsável a utilização de informações cedidas por meio de entrevista em meios acadêmicos e pedagógicos de divulgação possíveis, quer sejam na mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros), entre outros, e nos meios de comunicação interna, como jornal e periódicos em geral, na forma de impresso, voz e imagem.

Assinatura do participante: _____

Contato:

Em caso de dúvidas sobre o relato de caso, você poderá entrar em contato com os pesquisadores Beatriz Soares de Souza, e-mail: soaresbeatriz483@gmail.com

_____ Data: ____/____/____.
(Assinatura do participante)

Assinatura de pesquisadores

Figura 27- Termo Brasília Rodrigues

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA ESTUDO
DA ÁREA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – PARTICIPANTE MAIOR DE
IDADE**

Inserção de jornalistas negras no telejornalismo

Este TCLE segue a norma em vigor (510/2016) no campo da pesquisa acadêmica.

Você está sendo convidado (a) para participar de uma pesquisa do campo das ciências sociais e áreas de humanas. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos. Este estudo tem como título: ***Inserção de jornalistas negras nos telejornais*** e está sob responsabilidade da pesquisadora Beatriz Soares de Souza.

Os dados e informações usadas neste trabalho serão disponibilizadas no Repositório Institucional.

Eu AUTORIZO, de forma gratuita e sem qualquer ônus, ao pesquisador responsável a utilização de informações cedidas por meio de entrevista em meios acadêmicos e pedagógicos de divulgação possíveis, quer sejam na mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros), entre outros, e nos meios de comunicação interna, como jornal e periódicos em geral, na forma de impresso, voz e imagem.

Assinatura do participante: _____

Contato:

Em caso de dúvidas sobre o relato de caso, você poderá entrar em contato com os pesquisadores Beatriz Soares de Souza, e-mail: soaresbeatriz483@gmail.com

_____ Data: ____ / ____ / ____ .
(Assinatura do participante)

Figura 28- Termo Camila Falabela

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA ESTUDO DA ÁREA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – PARTICIPANTE MAIOR DE IDADE

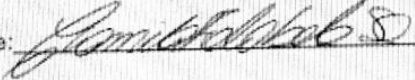
Inserção de jornalistas negras no telejornalismo

Este TCLE segue a norma em vigor (510/2016) no campo da pesquisa acadêmica.

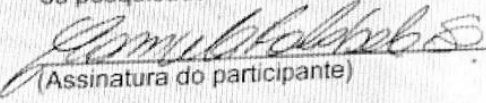
Você está sendo convidado (a) para participar de uma pesquisa do campo das ciências sociais e áreas de humanas. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos. Este estudo tem como título: *Inserção de jornalistas negras nos telejornais* e está sob responsabilidade da pesquisadora Beatriz Soares de Souza.

Os dados e informações usadas neste trabalho serão disponibilizadas no Repositório Institucional.

Eu AUTORIZO, de forma gratuita e sem qualquer ônus, ao pesquisador responsável a utilização de informações cedidas por meio de entrevista em meios acadêmicos e pedagógicos de divulgação possíveis, quer sejam na mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros), entre outros, e nos meios de comunicação interna, como jornal e periódicos em geral, na forma de impresso, voz e imagem.

Assinatura do participante: 

Contato:
Em caso de dúvidas sobre o relato de caso, você poderá entrar em contato com os pesquisadores Beatriz Soares de Souza, e-mail: soaresbeatriz483@gmail.com

 Data: 15/12/22
(Assinatura do participante)

Assinatura de pesquisadores

Figura 29- Termo Salcy Lima

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA ESTUDO
DA ÁREA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – PARTICIPANTE MAIOR DE
IDADE**

Inserção de jornalistas negras no telejornalismo

Este TCLE segue a norma em vigor (510/2016) no campo da pesquisa acadêmica.

Você está sendo convidado (a) para participar de uma pesquisa do campo das ciências sociais e áreas de humanas. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos. Este estudo tem como título: ***Inserção de jornalistas negras nos telejornais*** e está sob responsabilidade da pesquisadora Beatriz Soares de Souza.

Os dados e informações usadas neste trabalho serão disponibilizadas no Repositório Institucional.

Eu AUTORIZO, de forma gratuita e sem qualquer ônus, ao pesquisador responsável a utilização de informações cedidas por meio de entrevista em meios acadêmicos, e nos meios de comunicação interna, como jornal e periódicos em geral, na forma de impresso.

Assinatura do participante: Salcy Lima

Contato:
Em caso de dúvidas sobre o relato de caso, você poderá entrar em contato com os pesquisadores Beatriz Soares de Souza, e-mail: soaresbeatriz483@gmail.com

Salcy Lima Data: 19 / 12 / 2022
(Assinatura do participante)

Assinatura de pesquisadores